

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

## 2º CICLO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO



### *Bullying* escolar: um estudo das práticas agressivas em alunos do 3º ciclo no distrito de Aveiro

Ruben Vieira da Silva

Orientador: Professor Doutor Francisco José Gonçalves

***Bullying* escolar: um estudo das práticas agressivas em alunos do 3º ciclo no distrito de Aveiro.**

Dissertação apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro para obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensino Básico e Secundário sob a orientação do Professor Doutor Francisco José Gonçalves.

**Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
Vila Real 2012**

**Aos meus pais, impulsionadores do homem que hoje sou;**

**Ao meu irmão pelo amor incondicional;**

**À minha família por todo o apoio.**

## **Agradecimentos**

A conclusão desta tese apenas foi possível pelo envolvimento e impulsionamento de várias pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a sua realização. Desta forma retribuo, em agradecimentos, aos meus colegas de turma/curso que me acompanharam ao longo do percurso académico. A todas as pessoas que por mim se cruzaram e possibilitaram a reflexão e descoberta da problemática dos comportamentos de *bullying* e da metodologia tornando possível a realização deste trabalho.

Em particular, gostaria de agradecer, ao Professor Doutor Francisco José Gonçalves, pela orientação dispensada, pela crítica premente e construtiva, pela amizade, apoio e confiança transmitida tornando possível a elaboração final este trabalho.

## **Resumo**

No presente estudo, tornou-se premente aferir se o *bullying* é um problema presente nas escolas, junto dos alunos do 3º ciclo. Apurou-se, ainda, se o contexto social dos discentes poderá ser uma variável influente, uma vez que dos 294 alunos inquiridos, 163 residiam em meio urbano e 131 em meio rural. Na metodologia, o instrumento utilizado foi o inquérito. Constatou-se que o *bullying* se apresentou com valores elevados neste ciclo de ensino com 46,9% dos alunos inquiridos a assumirem já terem sido vítimas de agressão sendo possível salientar que existe uma diferença entre os meios, 60,3% no meio rural e 36,2% no meio urbano. Entre as diferentes formas de difusão de *bullying* destacou-se a agressão verbal pelo “insulto” e a “difamação”. Verificou-se que o momento em que ocorrem mais atos de *bullying* é nos intervalos, sendo o local mais frequente, o recreio. Este estudo será mais uma forte ferramenta e comprovativo para a averiguação e avaliação dos números de violência nas escolas em Portugal. A importância deste estudo acresce ainda mais uma vez que no distrito de Aveiro ainda não foi realizado nenhum estudo desta natureza. Os resultados do presente estudo poderão revelar-se fortes ajudas no “*know-how*” da prevenção e atuação em casos de *bullying* escolar, futuramente.

**Palavras-Chaves:** Violência; *Bullying*; Escola; Meios sociais; Alunos; 3º ciclo

## **Abstract**

In this study, it became important to assess whether *bullying* is a problem present in schools, with students from the 3rd cycle. It was verified if the social context of the students can be an influential variable since 163 of the 294 surveyed students lived in urban areas and 131 in rural areas. In the methodology the survey was used as instrument. It was concluded that *bullying* is presented with high values in this grade with 46,9% of the students that assume being victims of aggression, it is possible to note a difference between the areas, 60,3% in rural area and 36,2% in urban area. Between different forms of *bullying* diffusion is highlighted by the verbal insult and defamation. It was found that when more acts of *bullying* occur is in break, being the most frequent place the playground. It is imperative proximity with various educational agents and this may be the key to minimizing this growing phenomenon. This study will be a strong tool for the investigation and evaluation for all the *bullying* cases in Portugal. This study adds further value in this subject because in Aveiro district this will be the first study about *bullying*. In the future, the results of present study could reveal strong helps on the prevention of bullying.

**Key Words:** Violence, *Bullying*, School, Social Media, Students, 3rd cycle.

# Índice

Agradecimentos .....	iv
Resumo.....	v
Abstract .....	vi
Introdução.....	1
Capítulo I.....	3
1. Síntese de literatura e estudos .....	3
2. Enquadramento teórico: Conflitos .....	5
2.1. Indisciplina / Conflitos / violência.....	6
3. O <i>Bullying</i> .....	9
3.1. <i>Bullying</i> no contexto escola .....	11
3.2. Agressão/ Vitimação: Consequências.....	12
Capítulo II .....	15
1. Metodologia de investigação .....	15
1.1. Objetivos do estudo .....	15
1.1.1. Objetivo Geral .....	16
1.1.2. Objetivos Específicos.....	16
1.1.3. Instrumentos de investigação.....	16
1.1.4. Caracterização da amostra.....	19
Capítulo III .....	22
1. Apresentação de resultados.....	22
2. Análise dos resultados .....	41
3. Conclusão .....	45
Bibliografia.....	48
Anexos.....	51

## Índice de Tabelas

<i>Tabela 1: Caracterização da amostra em função do meio, género, idade, escolaridade e escolaridade dos pais.....</i>	<i>20</i>
<i>Tabela 2: Caracterização da amostra em função das reprovações de ano.....</i>	<i>21</i>
<i>Tabela 3: Vítimas de maus tratos por meios.....</i>	<i>22</i>
<i>Tabela 4: Vítimas de maus tratos.....</i>	<i>23</i>
<i>Tabela 5: Tipos de maus tratos por género.....</i>	<i>24</i>
<i>Tabela 6: Tipo de maus tratos nos atos de bullying.....</i>	<i>27</i>
<i>Tabela 7: Locais onde predominam os atos de bullying em relação ao género.....</i>	<i>29</i>
<i>Tabela 8: Tipo de agressores.....</i>	<i>29</i>
<i>Tabela 9: Proximidade dos agressores.....</i>	<i>30</i>
<i>Tabela 10: Partilha com os adultos.....</i>	<i>31</i>
<i>Tabela 11: Reincidência nos atos de bullying.....</i>	<i>37</i>
<i>Tabela 12: Relação entre vítima e o género do agressor.....</i>	<i>39</i>
<i>Tabela 13: Proximidade das vítimas com os agressores nos distintos contextos sociais.....</i>	<i>40</i>

## Índice de Gráficos

<i>Gráfico 1: Relação entre os atos de bullying mais frequentes e os sexos em meio rural</i> .....	25
<i>Gráfico 2: Relação entre os atos de bullying mais frequentes e os sexos em meio urbano</i> .....	26
<i>Gráfico 3: Alunos que praticam atos de bullying nos distintos contextos sociais</i> .....	33
<i>Gráfico 4: Forma como se fazem acompanhar os agressores</i> .....	34
<i>Gráfico 5: Tipo de atos de bullying</i> .....	35

## Introdução

“Os conflitos na escola terão de ser discutidos e não negados, e não é possível fazer de conta que eles se resolverão por si” (Sampaio, 1996, p.57).

Ao contrário do que se pode pensar o *bullying*, nas suas diferentes formas, afeta não só as crianças/jovens como também os professores, as famílias e a comunidade em geral. O seu estudo aprofundado, há já alguns anos por vários autores, tem como objetivo o diagnóstico e a compreensão do fenómeno, bem como, a procura de soluções ao encontro de formas que minimizem ou erradiquem a violência nas escolas.

O *bullying* caracteriza-se pela intenção de infligir ao outro o medo e sofrimento, “o desejo de magoar ou amedrontar alguém física, verbal ou psicologicamente” (Pereira, 2002, p.57). Define-se por comportamentos agressivos de intimidação e que apresentam um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com carácter regular e frequente. “*repeated negative, ill-intentioned behaviour by one or more students directed against a student who has difficulty defending himself or herself. Most bullying occurs without any apparent provocation on the part of the student who is exposed*” (Olweus, 1993, p.183).

O presente trabalho tem como objetivo fundamental estudar o *bullying* em duas escolas distintas quanto ao meio social em alunos do 3º ciclo, usando para isso a aplicação de inquéritos a 294 alunos com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos de idade.

Esta tese está composta por 1 capítulo teórico, onde se foca a problemática do *bullying* e algumas das suas características inerentes, bem como o modo como a influência do meio social terá a seu peso.

Em seguida, uma segunda parte que pretende apresentar os objetivos do estudo, metodologia de investigação e caracterização da amostra. No último pretende-se apresentar os resultados dos inquéritos, sua análise e conclusão. O objetivo dos inquéritos foi aprofundar o conhecimento sobre a realidade dos alunos face a este fenómeno de que são vítimas.

Com a aplicação dos inquéritos pretendi chegar a uma análise das características do *bullying*, pelo público-alvo do mesmo.

O enquadramento teórico, no início da tese, pretende definir conceitos e submergir na definição de *bullying*, o seu aparecimento e expansão.

A referência a algumas teorias e literatura acerca da agressividade podem ser passíveis de situar alguns comportamentos irrefletidos e irresponsáveis dos jovens envolvidos no fenómeno de *bullying*, causando-lhes mudanças e transformando-os, em vítimas ou agressores para com os seus pares.

A escola apresenta-se como um contexto fundamental para o desenvolvimento humanizado de cada aluno, fomentando o relacionamento entre os pares e o grande impulsionador do desenvolvimento das crianças/jovens. Não obstante a família deverá ser considerada paralelamente na repercussão dos seus comportamentos.

O objetivo deste estudo visa então identificar, definir e caracterizar as práticas agressivas entre alunos que integrem o terceiro ciclo, mais concretamente: caracterizar o processo de *bullying*; identificar as causas do comportamento violento; caracterizar o perfil do agressor; caracterizar o perfil da vítima; identificar fatores associados ao comportamento violento; identificar diferenças no processo de *bullying* numa cidade mais desenvolvida comparativamente a uma cidade menos desenvolvida no distrito de Aveiro.

## Capítulo I

### 1. Síntese de literatura e estudos

De forma a sustentar o presente estudo faz-se referência a alguma revisão da literatura que foca os pontos fulcrais que o trabalho pretende analisar.

Segundo Daniel Sampaio o *bullying* existe em Portugal. “*Como sempre existiu. O bullying é uma violência caracterizada por comportamentos de humilhação e de provocação em relação ao aluno. Nos anos 60, estava no Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, e havia bullying. Mas não se estudavam essas questões e não se valorizava. Havia a noção de que as pessoas tinham de se desenrascar. Lembro-me de um jovem homossexual que era vítima de humilhações sistemáticas na casa de banho e no pátio. Hoje, felizmente, acha-se que as pessoas frágeis devem ser protegidas. Porque violência sempre haverá na escola. Isso é uma utopia dos anos 60*” (Sampaio, 1996, p.89).

Para Craig e Pepler (2000), o *bullying* deverá ser encarado como um processo grupal que afeta não só agressor e a vítima mas também as pessoas que os rodeiam, como professores, pais e pares. Onde o papel de cada um pode variar, do apoio aos agressores até a ajuda da vítima, passando pela indiferença ou até pelo desconhecimento das ocorrências.

Ortega e Del Rey (2002), acrescentam que as várias relações interpessoais, estabelecidas em comunidade, chamadas por redes sociais, geram ações conjuntas que proporcionam pertença e identificação. Tais ações podem desencadear influências e reforçar a prática de *bullying*.

Num estudo realizado em Bergen, o autor concluiu que mais de 3% dos alunos foram agredidos pelo menos uma vez durante uma semana e 2% eram agressores com frequência. Concluiu também que entre 35 a 40% das agressões eram causadas por apenas um aluno (Olweus, 1993).

Ruiz (1994) efetuou um estudo em Centros Educativos de Ensino Secundário, agrupando alunos com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos e chegou à conclusão que cerca de 33% dos alunos são vítimas ocasionais e 5% são vítimas frequentes. As formas de violência que foram mais vezes mencionadas foram os

insultos e os rumores. Quanto ao local, a sala de aula e o recreio foram os mais realçados. Vários estudos portugueses confirmaram o que este autor concluiu, (Negreiros, 2003; Pereira, 2002; Lopes Neto, 2005; Almeida, 1999).

Em Sheffield, no Reino Unido, foi desenvolvida uma investigação por Whitney e Smith (1993) com 7 escolas do ensino secundário, onde os alunos tinham um intervalo de idades entre os 11 e os 16 anos e chegaram à conclusão que na escola secundária, as percentagens de vítimas descem para 12% nos rapazes e 9% para as raparigas. O mesmo fenómeno é visível nos agressores, sendo de 8% para rapazes e 4% para raparigas.

Estudos recentes apontam que a agressão se manifesta em ambos os sexos mas de formas diferentes. Sendo que os rapazes recorrem mais a violência física e direta ao passo que as raparigas praticam a violência psicológica e indireta (Matos, Negreiros, Simões & Gaspar (2009) ; Malta, Silva, Mello, Monteiro, Sardinha & Crespo (2010)).

Whitney e Smith (1993) comprovaram ainda que apenas cerca de metade dos alunos vitimizados tende a contar a alguém o sucedido, contando mais rapidamente aos pais do que aos professores. A maioria das crianças demonstrou auxiliar o colega vitimizado.

A maioria dos estudos realizados em Portugal (Pereira, 2002) referem que a maior percentagem dos agressores são rapazes, tais como as vítimas. Foi ainda averiguado que as situações de agressão se passam no recreio ou na sala de aula. A forma de *bullying* mais identificada foi o *bullying* verbal – insultar, chamar nomes. Seguido do *bullying* físico, bater e empurrar.

Craig e Pepler (2000) conseguiram identificar que as crianças estavam presentes em 88% dos episódios de *bullying* mas só 19% é que tentavam por termo à situação. 56% dos alunos afirmam que ajudariam a vítima.

A intencionalidade deste estudo prende-se, de facto, em abordar e testar todas as situações que envolvem o processo de *bullying* escolar, especificamente no distrito de Aveiro, uma vez que neste distrito ainda não foi iniciado nenhum estudo similar.

O meio social também é apontado como um potencializador de atos de *bullying*. Guerra *et al.*, (1995) demonstraram que as crianças com um nível socioeconómico mais fraco são aquelas que tem maiores comportamentos agressivos. Também Negreiros (2003, p.80), afirma que “*as crianças mais pobres não só acumulam um maior número de*

*situações geradoras de stress como defendiam crenças que iam no sentido de aceitar a prática de comportamentos agressivos”.*

Ao longo dos anos, vários estudos reforçaram a ideia de que discentes de um meio mais rural têm tendência a praticar maiores atos de *bullying* entre os pares. Porém com a passar dos anos, veio-se a denotar um decrescer entre meios rurais e meios urbanos, uma vez que as diferenças nunca eram significativas. Por exemplo, num estudo feito em Portalegre (Martins, 2009) foi verificado que o nível social não é um fator que influencie o *bullying*. Porém, o presente estudo pretende comparar diferentes cidades com diferentes níveis socioeconómicos do distrito de Aveiro, aumentando assim a possibilidade de se registarem diferenças.

Este estudo será mais uma forte ferramenta e comprovativo para a averiguação e avaliação dos números de violência nas escolas em Portugal. A importância deste estudo acresce ainda mais uma vez que no distrito de Aveiro ainda não foi realizado nenhum estudo desta natureza. Os resultados do presente estudo poderão revelar-se fortes ajudas no “*know-how*” da prevenção e atuação em casos de *bullying* escolar, futuramente.

## **2. Enquadramento teórico: Conflitos**

A violência/agressividade em contexto escolar é um fenómeno social da atualidade que tem alarmado todos os agentes da comunidade educativa.

Ao longo dos últimos anos os casos de violência nas escolas tem cada vez mais saltado para a comunicação social sendo catapultado para o conhecimento público com maior destaque.

O *bullying* deixou de ser considerado um fenómeno de países como a França, Inglaterra ou Estados Unidos ganhando uma presença real perto dos nossas crianças/jovens (Amado & Freire, 2002).

O *bullying* parece refletir o contexto social em que a escola se insere, pois depreende-se a interação de vários fatores que podem desencadear determinados comportamentos, Almeida (1999). O conceito *bullying* sobressai da literatura assim que se efetua um pesquisa internacional sendo descrito como abuso sistémico do poder entre pares (Smith & Sharp, 1994). Ele é o ato de abuso de poder entre pares de forma intencional para atingir o outro com o fim de o ferir.

Várias são as ocorrências entre pares em contexto escolar que acontecem de forma recorrente levando à indisciplina, conflitos e violência, conceitos que se distinguem.

### **2.1. Indisciplina / Conflitos / Violência**

O contexto escolar, dada a diversidade de inter-relações, torna-se uma organização complexa onde os comportamentos disruptivos são uma constante.

*“O sistema educativo, em Portugal, aparece rodeado de incertezas, de questões colocadas acerca da sua eficácia, assim como de dúvidas sobre a capacidade de atingir os seus principais objetivos: instruir, socializar e estimular.”* (Pereira, Beatriz., Pinto & Adelina, 2001, p.145)

O papel a que a escola se propõe impõe-lhe uma grande complexidade onde o objetivo a atingir não depende apenas de si mesma mas de tudo que a rodeia.

A socialização dos discentes é uma das funções da escola, no entanto a disparidade de características de todos os alunos leva a que se manifestem momentos de indisciplina, conflitos e violência.

Consequentemente, destaca-se uma inadaptação social uma vez que são quebradas regras impostas pelo contexto onde tais ocorrências se manifestam. Tal inadaptação poderá revelar-se através de problemas entre os pares ou insucesso escolar (Torres, Fernandes & Sanches, 1999).

No meio escolar o conceito **conflito** tem vindo a perder alguma aceitação sendo substituído pelos termos indisciplina e violência

De forma a criar um ambiente salutar e minimizar atritos advindos da diversidade cultural dos seus intervenientes, a escola organiza-se por regras e normas previamente estabelecidas e do conhecimento de todos. Não obstante, as relações humanas caracterizam-se por momentos de algum confronto e instabilidade havendo conflitos que acontecem independentemente do grau de afinidade existente entre os elementos.

*“O conflito não só é considerado como natural e inevitável na existência humana, como se lhe atribui, uma característica realmente antitética em relação à conceção tradicional: a sua necessidade”* (Jares, 2002, p.128).

Desta forma, o conflito poderá ser caracterizado por diferenças de objetivos ou intenções inerentes nos humanos e que são incompatíveis na sua obtenção. No contexto escolar o conflito é envolvido numa panóplia de diferentes variáveis que se manifestam na escola e muitas vezes com ela.

O conflito acontece relacionado a algo negativo que não deverá ser fomentado, não obstante a chegada a ideia inovadoras e a novas criações, acontecem sempre após pontos de vista distintos e confrontados serem explorados de forma racional. Nasce desta forma uma utilidade do conflito até um certo limite. Tanto as relações interpessoais como as próprias organizações poderão sair beneficiadas com as discussões e partilhas que surgem de um conflito.

Uma má interpretação poderá levar a uma impossibilidade da resolução do conflito tornando-o inaceitável para o outro e dessa forma impossibilitando o seu término integrativo. Desta forma a reação será de ambas as partes intolerante e continuada levando a que se transforme em violência.

No que concerne à **indisciplina**, define-se ao incumprimento de regras ou normas, no contexto escolar relaciona-se com a infração de normas claramente estabelecidas através de regulamentos. Este conceito está habitualmente relacionado a ocorrências em contextos de sala de aula ou de confronto com os docentes ou adultos.

Amado enfatiza, ainda, o conceito de indisciplina como *“um fenómeno relacional interativo que se caracteriza pelo incumprimento das regras que presidem, orientam e estabelecem as condições das tarefas na aula e, ainda, no desrespeito de normas e valores que fundamentam o são convívio entre pares e a relação com o professor, enquanto pessoa de autoridade”* (Amado & Freire, 2002, p.111).

Como anteriormente referido, a **violência** poderá ocorrer por parte dos alunos contra os pares, contra os professores ou educadores em contexto escolar, mas remete-nos também para situações provocadas pelos pais ou encarregados de educação contra os professores.

Se regressarmos aos conceitos emparelhados conseguimos imediatamente distingui-los embora possam ser associados com base na transgressão que todos imputam as ocorrências. Distingue-se a violência como o ato que exacerba os comportamentos a um grau mais elevado do que a indisciplina uma vez que esta última, tal como o conflito poderá não levar a nenhuma agressão.

Salientamos que episódios de violência em contexto escolar podem levar a diferentes níveis de agressividade onde o *bullying* se manifesta cada vez mais presente e difícil de controlar tornando-se imperativo uma análise e conceitualização de forma a possibilitar uma intervenção que urge acontecer nas escolas portuguesas.

### 3. O *Bullying*

Ao longo dos últimos anos o fenómeno *bullying* vem crescendo em contexto escolar, desta forma e na tentativa de o conhecer para o previr ou minimizar deve-se conceitualiza-lo. A sua descrição permitirá tanto aos alunos, professores e restantes agentes educativos e sociais a percebê-lo e distingui-lo de forma a agirem perante este fenómeno.

Diversos são os comportamentos que podem ser chamados de comportamentos *bullying*, normalmente são situações de agressão e perseguição sem relação causa/efeito, infligidas injustamente contra alguém por períodos mais ou menos prolongados e através de diferentes formas, podendo ser elas agressões, físicas e verbais, psicológica e coacção (Olweus, 1993).

Tal como argumenta Lisboa (2005), o grau de agressão pode não tomar inicialmente proporções fáceis de serem observadas por terceiros, o que torna difícil descobrir se algum aluno estará ou não a ser alvo de *bullying*. Muitas vezes e dado ao prolongar do processo de *bullying* infligido em algum aluno a ocorrência poderá ser detetada no foro familiar ou mesmo social.

Sabe-se que os efeitos de qualquer mecanismo de agressão tem efeitos negativos nefastos tanto a médio como a longo prazo, quer para a vítima quer para os agressores, devendo ser prioritário minimizar ou mesmo eliminar o *bullying* aproveitando estudos, como o presente, que auxilia os intervenientes no contexto escola uma vez que relatam vivências reais dos alunos (Hinde & Stevenson-Hinde, 1987)

O *bullying* caracteriza-se pela intenção de infligir ao outro o medo e sofrimento, “o desejo de magoar ou amedrontar alguém física, verbal ou psicologicamente” (Pereira, 2002, p.184). Define-se por comportamentos agressivos de intimidação e que apresentam um conjunto de características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos, com carácter regular e frequente. “*repeated negative, ill-intentioned behaviour by one or more students directed against a student who has difficulty defending himself or herself. Most bullying occurs without any apparent provocation on the part of the student who is exposed*” (Olwues, 1993, p.29)

Este fenómeno está sempre ligado à intencionalidade de magoar alguém, que é vítima e alvo do ato agressivo, enquanto os agressores manifestam tendência a desencadear, agravar e perpetuar, situações em que a vítima está numa posição indefesa. Para Coie *et al.*, (1991), o *bullying* é um exercício de poder sobre outra pessoa, numa espécie de agressão proactiva. Num estudo, Lane (1989) utiliza o termo legal de “*Threatening Behaviour*”, considerando *bullying* qualquer ação como a ameaça ou violência, cuja intenção consiste em causar medo ou desespero, com carácter repetitivo. Apresenta consequentemente uma desigualdade de poder em favor do agressor, ou seja, este é geralmente o mais forte.

O conceito deve, contudo, ser bem compreendido de forma clara de maneira a não ser confundido com momentos de algum comportamento que poderá ser interpretado como agressivo mas que não passa, muitas vezes, apenas, de um ato único sem continuidade tendo acontecido apenas ocasionalmente. Estas ocorrências não devem ser confundidas com *bullying* pois podem ser apenas um confronto de momento, com domínio da força de uma das partes, muitas vezes para se imporem num determinado contexto de brincadeira ou mesmo de uma atividade desportiva.

É importante salientar a intencionalidade do agressor e a persistência, como característica latente do *bullying*, e que distancia de ocorrências pontuais que à partida podem ser confundidas. O *bullying* distingue-se assim, primordialmente, como sendo uma resposta negativa sem provocação, ameaça e vitimização prolongada e regular, recorrente força física e interior dos agressores com um perfil violento.

Torna-se responsabilidade de todos os intervenientes no contexto escolar avaliar e distinguir estes casos, não se tornando negligentes mas sim proactivos na proteção dos alunos.

É importante o conhecimento do conceito abranger todos os agentes educativos, discernir estes conceitos, distingui-los torna-se um instrumento indispensável para a proteção dos alunos.

Dada a dificuldade em destrinçar o fenómeno *bullying*, minimizá-lo ou eliminá-lo, Fante e Pedra (2008) estabelecem de forma sintética os atos de *bullying* estabelecendo como forma de mau trato: físico (bater, chutar, beliscar); verbal (apelidar, insultar, desrespeitar); moral (difamar, caluniar, discriminar); sexual (abusar, assediar, insinuar);

Psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir); material (furar, roubar, destruir pertences); e virtual (discriminar, difamar, através de Internet ou telemóvel).

Deste modo, procurou-se enquadrar a vertente teórica da problemática, associando alguns conceitos, inclusive relativos ao ato de violência, que muitas vezes se encontra associado neste sentido.

### **3.1. *Bullying* no contexto escolar**

A violência escolar, atualmente chamada de *bullying* é um problema à escala mundial que atinge já um grau de preocupação elevado entre os pais e estudiosos. Destaca-se de forma latente nas relações interpessoais deteriorando-as através de comportamento inadequados, agressivos, adotados por uns alunos contra outros.

Segundo Constantine (2004) e Fante (2005) o *bullying* começou a ser estudado há aproximadamente 10 anos. Não obstante o termo em si, como o conhecemos e usamos, pode ser considerado recente embora se refira a um fenómeno antigo uma vez que os comportamentos de intimidação e agressividade sempre existiram não apenas no contexto escola como até via internet.

Este fenómeno pode encontrar-se em diferentes contextos na escola quer seja ela pública ou privada, em diferentes meios sociais, envolvendo todos os géneros e idades mas os seus efeitos quer a curto ou a longo prazo deixam consequências emocionais e cognitivas muitas vezes irreversíveis. Neste trabalho pretende-se estabelecer um paralelismo entre duas escolas de diferentes meios sociais de forma a indagar se existe, ou não, um reforço quanto ao acréscimo de *bullying* causados pela diferença de contexto social onde estão inseridas.

O *bullying* praticado nas nossas escolas, deixa cada vez mais de ser silencioso, já não se mantém no anonimato, e passou a ter os agentes educativos atentos às suas repercussões, adquirindo múltiplas formas, graus de intensidade e violência mais ou menos cruéis, dependendo de diferentes fatores inerentes.

Nas idades compreendidas dos alunos que frequentam o 3º ciclo, encontram-se a passar pela adolescência, um período de várias alterações físicas, psicológicas, socioculturais e

cognitivas, atravessam um turbilhão de sensações e sentimentos que necessitam que se reúnam esforços para superar desafios constantes com que são confrontados.

“A multiplicidade de contextos sociais e interpessoais em que o adolescente se move representa desafios adicionais e possibilidades acrescidas de estes virem a desenvolver problemas de ajustamento, com consequências negativas de saúde...”(Matos *et al*, 2001, cit in Relvas & Alarcão, 2002).

Para cada um destes alunos vítimas, o simples facto de ir à escola, ou até mesmo à hora do intervalo ou recreio, é um drama. Este último, por exemplo, por ser um local privilegiado às investidas dos agressores, visto não estar facilmente vigiado pelos docentes ou auxiliares educativos.

Existem múltiplos fatores que interferem no desenvolvimento de cada aluno principalmente na sua interação no meio social envolvente e onde se insere como a escola, os pares e mesmo a família.

Assim sendo, este é sem dúvida, uma das vertentes que mais realce e atenção deve requerer este estudo.

### **3.2. Agressão/ Vitimação: Consequências**

Sempre que falamos de *bullying*, temos obrigatoriamente de especificar se estamos a falar de vítimas, agressores, e/ou vítimas e agressores já que têm motivações e vivências muito distintas, embora possam sê-lo simultaneamente com diferentes indivíduos.

Todas as crianças/jovens são únicas, no entanto, se forem colocadas em duas escalas será possível distinguir as crianças/jovens agressivas das não agressivas relativamente aos valores e expectativas sociais, como afirmam Kennedy e Peery (1993, cit in Pereira, 2002). Os alunos podem ser identificados como vítimas, agressores ou testemunhas variando consoante a sua situação perante o *bullying*. As características mais referenciadas recaem sobretudo, na dificuldade em controlar os impulsos, défices nas aptidões sociais e crenças sociais irracionais, entre outras. A criança agressiva espera que a agressão resulte da submissão da vítima, e não, numa situação de retaliação.

O aluno vítima de *bullying* corresponde a um aluno exposto, de forma persistente, a comportamentos negativos, causadores de danos intencionais por parte dos pares. De forma geral este aluno não possui capacidade de reação, habitualmente pouco sociável, inseguro e com dificuldade de integração num grupo. A sua autoestima poderá estar tão baixa que pode mesmo pensar ser merecedor do que lhe é inculcado. A persistência com que o *bullying* lhe é induzido vai provocar medo, estados de ansiedade, aumentar a sua falta de autoestima, poderá ter influência no absentismo escolar, evitando o contexto escolar para se refugiar, e por fim poderá mesmo, em situação limite, levar à ideação suicida, comportamentos de autodestruição, Maccoby e Martín (1983). Este aluno dificilmente revelará que é vítima de *bullying*, tanto por vergonha como com medo de retaliação. O quebrar com o tabu e desbloquear o silêncio acerca do fenómeno *bullying* consciencializa os alunos de que tais atos são inaceitáveis, encarando-os de forma firme e aberta.

Os agressores podem adquirir junto da própria família condições que favoreçam o crescendo de agressividade. As características familiares, agregados familiares destrutturados, ausência de afetividade, ausência de regras, permissividade, exposição a comportamentos desajustados de violência podem incrementar essa tendência, Ortega e Del Rey (2002) A predisposição individual poderá também influenciar à agressão, alunos com hiperatividade, distúrbios comportamentais e com baixo défice de atenção. Têm contudo uma boa aceitação no grupo de pares em geral, deverá ser popular, pode ser também agressivo com os adultos, vendo como qualidade a sua agressividade e força. Como líder pode angariar um grupo, que controla e manipula, para o auxiliar e colaborar. Estes elementos do grupo são frequentemente submissos, inseguros e ansiosos que se aliam para se sentirem protegidos e para se sentirem integrados.

O seu carácter persistente cria múltiplos sintomas marcadamente nefastos para as vítimas, que por se sentirem continuamente atormentadas, se veem afetadas no seu rendimento escolar, e por conseguinte, em toda a sua vivência quotidiana.

Vítimas, agressores e cúmplices deparam-se com consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, tais consequências podem levar a dificuldades académicas, sociais, emocionais e legais (Neto & Saavedra, 2004).

Existe propensão nos alunos que sofreram *bullying*, quando novos, para sofrerem de depressão e baixa autoestima quando adultos. Da mesma forma, e quando um agressor inicia o seu percurso muito jovem, aumentam os riscos de apresentar problemas antissociais e relacionamentos afetivos disfuncionais.

As famílias são também atingidas a nível social e financeiro, pois estas crianças/jovens podem necessitar de acompanhamento de vários contextos como da saúde e da justiça.

## Capítulo II

### 1. Metodologia de investigação

Tendo em conta as investigações até hoje feitas no âmbito do *bullying*, depreende-se que este fenómeno é variável, de acordo com diversos fatores, desde o género, idade, percurso escolar, fatores familiares e socioeconómicos.

Na tradição de investigação em ciências sociais, a definição da problemática implica a inscrição do trabalho científico num quadro teórico preestabelecido. Parte-se das teorias e referências conceptuais para a construção de objetivos de investigação que se delimitam através de problemas levantados, interrogações e hipóteses.

Para este estudo problematiza-se a exploração do fenómeno *bullying* nas escolas em alunos do terceiro ciclo de duas escolas em contextos sociais distintos.

Tendo em linha de conta a área temática e os respetivos objetivos da investigação a desenvolver, a estratégia de investigação passará pela abordagem metodológica quantitativa, inquérito por questionário validado, baseado no questionário de Olweus e adaptado por Ana Teresa Martins Ribeiro, na sua tese intitulada “O *Bullying* em contexto escolar, um estudo de caso.”. A investigação exploratória (Vergara, 1997) é realizada a fim de se acumular mais conhecimento sobre o assunto estudado. A investigação exploratória envolve um levantamento bibliográfico e análise de exemplos (com inquéritos) que estimulem a sua compreensão. Este tipo de pesquisa também possui como finalidade, desenvolver, modificar e esclarecer conceitos e ideias para posteriormente formular abordagens (Gil, 1999).

#### 1.1. Objetivos do estudo

No quadro da educação inclusiva, a escola e as práticas educativas devem assegurar a gestão da diversidade, da qual decorrem diferentes tipos de estratégias que permitam responder às necessidades educativas, incluindo o seu bem-estar, de todos os alunos que frequentam o atual sistema de ensino. É neste seguimento que definimos os seguintes objetivos para o nosso estudo:

### **1.1.1. Objetivo Geral**

Pretende-se desenvolver e aperfeiçoar o reconhecimento da existência do *bullying* em contexto escolar, detetar quais as principais práticas agressivas entre alunos que frequentam o terceiro ciclo. Torna-se relevante detetar as possíveis diferenças entre as duas escolas onde é aplicado o estudo de forma a perceber qual a relação do contexto social em que estão inseridas.

### **1.1.2. Objetivos Específicos**

- Caracterizar o processo de *bullying*;
- Identificar as causas do comportamento violento;
- Caracterizar o perfil do agressor;
- Caracterizar o perfil da vítima;
- Identificar fatores associados ao comportamento violento;
- Perceber se o meio social onde está inserida a escola tem influência no comportamento dos alunos.

### **1.1.3. Instrumentos de investigação**

O presente estudo retrata a exploração das práticas agressivas nas escolas, entre pares, especificamente em alunos do terceiro ciclo, que de acordo com a bibliografia estudada, terão maior incidência de *bullying* do que no ensino secundário. Foi realizado no distrito de Aveiro, em diferentes cidades, com o objetivo de comparar a violência escolar das diferentes escolas de acordo com o grau de desenvolvimento das respetivas cidades. Uma das escolas, inserida em meio urbano na região Entre Douro e Vouga, com uma densidade populacional de 2724 habitantes por km<sup>2</sup>, segundo o Instituto Nacional de Estatística, e a outra escola inserida num meio rural na região do Baixo Vouga, com uma densidade populacional de 374 habitantes por km<sup>2</sup>.

A metodologia aplicada na elaboração deste estudo enquadra-se qualitativamente e quantitativamente no paradigma metodológico das ciências sociais de natureza exploratória. Os inquéritos que foram passados à amostra selecionada, constituem os instrumentos de recolha de dados.

De início foi pedido a autorização para a recolha de dados a cada escola e respetiva direção para posteriormente ser testado. O questionário foi inicialmente testado junto de uma turma do 7º ano, com o objetivo de perceber se o questionário era de fácil compreensão e abordagem. Esta turma, constituída por 23 alunos não foi contabilizada para a amostra. Antes de entregar os questionários aos alunos, foi explicado que o questionário era anónimo e, por isso, era esperado sinceridade por parte dos discentes. Foi ainda dito que este questionário tinha como objetivo estudar o processo de *bullying*, estudo esse que estava a ser desenvolvido para a conclusão de estudos na UTAD. Para que não condicionassem as respostas por estarem perto dos colegas, foi pedido para que os alunos se afastassem uns dos outros. Durante a realização do questionário não surgiram dúvidas a assinalar. O questionário foi preenchido pela turma num curto período de 5 a 6 minutos.

Após a aplicação do questionário à turma que serviu como teste, iniciou-se o estudo usando a amostra real, foram escolhidas turmas do 7º, 8º e 9º ano. Foi também pedida autorização aos respetivos professores de cada turma e todos acederam a ajudar. Foram dadas as mesmas instruções do que no teste experimental. Distribuía-se os questionários e era pedido para que se espalhassem pelo espaço da aula - todos os questionários foram distribuídos nas aulas de Educação Física de cada turma, por isso é que os discentes se espalhavam pelo chão enquanto preenchiam o questionário. À medida que iam preenchendo, o docente circulava entre os alunos para ajudar caso tivessem alguma dúvida. Quando acabavam de responder entregavam os questionários.

Na opinião de Cohen e Manion (1990), o método qualitativo permite reter a integridade dos fenómenos que estão a ser alvo da investigação. Não obstante, é necessário entender uma pessoa a partir do seu interior, neste caso da população juvenil em estudo.

Este trabalho pretende ser uma investigação exploratória com base em dados primários e secundários. Os dados primários, de acordo com Churchill e Peter (2000, p. 122) “*são dados coletados especificamente para o propósito da investigação pretendida*” e prestam-se, uma vez que retirados de uma amostra, analisados e discutidos, para tirar

conclusões sobre uma população inteira, o que, em pesquisa, denomina-se de “inferência estatística”. De acordo com os mesmos autores (2000, p. 124), os dados secundários provêm de outras fontes já estruturadas, de outros estudos já realizados com outro objetivo, mas que se prestam à coleta de dados para um novo estudo, seja na mesma ou em outra área. Os autores citados identificam os dados secundários como sendo aqueles que *“não foram reunidos para o estudo imediato em mãos, mas para algum outro propósito”*.

Para esta investigação, os dados primários foram extraídos através da informação resultante dos inquéritos (Anexo) enquanto os dados secundários resultam de uma análise profunda sobre os manuais referidos anteriormente e de informação recolhida através da Internet.

O inquérito efetuado foi distribuído em mãos e foi composto por 23 questões de resposta fechada, e 2 de respostas abertas, por forma à recolha dos dados ser realizada de forma mais eficaz e prática e com o objetivo de atrair mais facilmente a atenção dos inquiridos, tornando os resultados mais credíveis. As perguntas colocadas aos inquiridos foram efetuadas, a 294 alunos, de ambos os géneros e inseridos em contextos sociais diferentes.

No que diz respeito ao processo de investigação é uma pesquisa quantitativa porque é estatística, sendo também qualitativa porque é uma pesquisa de valor, de opinião e de caráter. Quanto à lógica da investigação é dedutiva porque a investigação é realizada através de premissas, de estudos empíricos utilizando o pragmatismo. A análise da caracterização da população implica a definição do meio em que se insere, isto é, este deve ser escolhido de acordo com o problema da investigação.

Em relação ao universo, isto é, ao conjunto de elementos que partilham determinadas características que garantem os critérios de seleção definidos antecipadamente, foram consideradas os inquiridos, caracterizados acima. Perante este universo foi definida uma amostra, trata-se de um subconjunto do universo, onde apenas o autor irá efetuar o seu estudo.

No que diz respeito à seleção de dados, o método escolhido é não probabilístico, ou seja, a investigação foi realizada por conveniência (Malhotra, 2006). Como tal, tentou obter-se uma amostra de elementos com base na conveniência do autor. A seleção das

unidades de amostragem coube, principalmente, ao autor. Este tipo de amostragem tem como vantagens o baixo custo e a rapidez.

Tendo em conta as investigações feitas até hoje no âmbito do *bullying*, é claro compreender que este comportamento é variável, de acordo com diversos fatores, desde logo o género, a idade, o percurso escolar, os fatores familiares e socioeconómicos.

#### **1.1.4. Caracterização da amostra**

A amostra do presente estudo é constituída por 294 estudantes do 3º ciclo do ensino básico, sendo que 163 (55.4%) residem em meio urbano e 131 (44.6%) residem em meio rural. Um número superior é do sexo masculino (n=149, 50.7%), sendo que os restantes 145 (49.3%) são do sexo feminino.

Os participantes apresentam uma média de idades de aproximadamente 14 anos (M=13.58) sendo o desvio padrão de mais ou menos 1 ano (DP=1.16).

Em relação à escolaridade verifica-se um número superior de estudantes do 8º ano (n=121, 41.2%), seguindo-se os do 7º Ano (n=88, 29.9%) e por fim os do 9º ano (n=85, 28.9%).

A maioria dos pais dos estudantes tem nível de escolaridade com o secundário (n=77, 26.2%), seguindo-se os que têm o 3º ciclo (n=65, 22.1%) e o 2º ciclo (n=62, 21.1%). Apenas 3 estudantes têm mães com bacharelato (n=3, 1.0%) e 1 (.3%) com mestrado. Os restantes 47 (16.0%) têm o 1º ciclo e 27 (9.2%) são licenciados.

Em relação à escolaridade da mãe, os resultados obtidos revelam que um número superior tem o ensino secundário (n=71, 24.1%), seguindo-se os que tem o 3º (n=66, 22.4%) e o 2º ciclo (n=62, 21.1%). Um número mais reduzido têm a licenciatura (n=48, 16.3%) e 32 (10.9%) o 1º ciclo. Apenas 3 mães de estudantes têm Bacharelato (n=3, 1.0%) e 1 (.3%) o mestrado (cf. Tabela 1).

*Tabela 1: Caracterização da amostra em função do meio, género, idade, escolaridade e escolaridade dos pais*

<i>Meio</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Rural	131	44,6
Urbano	163	55,4
Total	294	100,0
<i>Sexo</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Masculino	149	50,7
Feminino	145	49,3
Total	294	100,0
<i>Idade</i>	<i>M (DP)</i>	<i>Min-Máx</i>
	13.58 (1.16)	12-19
<i>Escolaridade</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
7º Ano	88	29.9
8º Ano	121	41.2
9º Ano	85	28.9
<i>Escolaridade do pai</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
1º Ciclo	47	16,0
2º Ciclo	62	21,1
3º Ciclo	65	22,1
Secundário	77	26,2
Bacharelato	3	1,0
Licenciatura	27	9,2
Mestrado	1	,3
Não responde	12	4,1
Total	294	100,0
<i>Escolaridade da Mãe</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
1º Ciclo	32	10,9
2º ciclo	63	21,4
3º Ciclo	66	22,4
Secundário	71	24,1
Bacharelato	3	1,0
Licenciatura	48	16,3
Mestrado	2	,7
Não Responde	9	3,1
Total	294	100,0

Foi apurado que uma proporção superior de estudantes vive com a mãe (279/294, 94.9%), seguindo-se os que vivem com o pai (239/294, 81.3%), com os irmãos (231/294, 78.6%), com a avó (38/294, 12.9%), com o padastro (8/294, 2.7%), com o tio (6/294, 2.0%), com a madastra (5/294, 1.7%) e com a tia (3/294, 1.0%). Em relação ao nº de irmãos que os estudantes referem ter, apenas um irmão (n=172, 58.5%) e apenas 3 (3.9%) tem 4 ou 5 irmãos e 1 (.4%) 6 irmãos.

Da análise da tabela 2, verifica-se que a maior parte dos estudantes não reprovou nenhum ano (n=236, 80.4%). Um número superior dos 58 estudantes que reprovaram, fizeram-no apenas uma vez (n=46, 79.3%). A maior parte reprovou no 2º ciclo (35.7%). Um número muito próximo também reprovou no 1º (n=18, 32.1%) e 3º ciclo (n=18, 32.1%) respetivamente.

*Tabela 2: Caracterização da amostra em função das reprovações de ano.*

<i>Reprovou</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Sim	58	19.7
Não	236	80.3
Total	294	100.0
<i>Nº de reprovações</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Uma vez	46	79.3
Duas vezes	10	17.2
Mais que duas vezes	2	3.4
Total	58	100.0
<i>Ciclo que reprovou</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
1º Ciclo	18	32,1
2º Ciclo	20	35,7
3º ciclo	18	32,1
Total	56	100,0

## Capítulo III

### 1. Apresentação de resultados

Após a recolha de dados, verifica-se que existe um maior número de alunos que não sofre maus tratos (n=138, 53,1%). Porém, o número de alunos que afirmam que sofrem maus tratos é bastante elevado (n=138, 46,9%) e praticamente equivalente à percentagem daqueles que não sofrem maus tratos na escola.

Analisando os resultados obtidos em função do meio onde os estudantes residem é possível verificar, conforme a tabela 3, que existe uma associação estatisticamente significativa ( $\chi^2=16.950$ ,  $p<.05$ ), sendo que é possível afirmar que a proporção de estudantes do meio rural vítimas de maus tratos é superior (79/131, 60.3%) à verificada no meio urbano (56/163, 36.2%).

Tabela 3: Vítimas de maus tratos por meios.

Vitima maus tratos	Meio		$\chi^2$	P
	Rural	Urbano		
Sim	79 (60,3%)	59 (36,2%)	16.950	.000
Não	52 (39,7%)	104 (63,8%)		
Total	131 (100,0%)	163 (100,0%)		

Quanto à associação verificada entre o sexo dos estudantes e o facto de ser ou não vítimas de maus tratos, esta não se apresenta significativa ( $\chi^2=.006$ ,  $p>.05$ ), sendo que a proporção de estudantes vítimas de maus tratos do sexo masculino, apesar de superior (70/149, 47.0%), não é muito superior à verificada no sexo feminino (67/144, 46.5%).

Em relação às diferenças entre sexos em cada um dos meios estudados, os resultados sugerem que, quer no meio rural ( $\chi^2=.731$ ,  $p>.472$ ) quer no meio urbano ( $\chi^2=1.94$ ,  $p>.05$ ) as diferenças entre sexos não se apresentam estatisticamente significativas.

Pude observar que a proporção de indivíduos que assiste a “chamar nomes” (111/138, 80.4%) é superior, seguindo-se de “espalhar boatos” (46/138, 33.3%), “agressão física” (38/138, 27.5%), “roubos” (31/138, 22.5%), “ignorar” (27/138, 19.6%), “meter medo” (25/138, 18.1%) e por fim “atos de outro tipo” (3/138, 2.2%).

Tabela 4: Vítimas de maus tratos em ambos os meios

	<i>N</i>	%
<i>Agressão física</i>		
Não	100	72.5
Sim	38	27.5
<i>Roubo</i>		
Não	107	77.5
Sim	31	22.5
<i>Meter Medo</i>		
Não	113	81.9
Sim	25	18.1
<i>Chamar nomes</i>		
Não	27	19.6
Sim	111	80.4
<i>Espalhar Boatos</i>		
Não	92	66.7
Sim	46	33.3
<i>Ignorar</i>		
Não	111	80.4
Sim	27	19.6
<i>Outro</i>		
Não	135	97.8
Sim	3	2.2

Comparando os resultados por contexto social, nota-se que existe associação significativa entre a agressão física e o meio ( $\chi^2=5.789$ ,  $p<.05$ ), sendo superior a proporção de casos que assistem a agressões físicas no meio rural (28/79, 35.4%) comparativamente ao meio urbano (10/59, 16.9%); roubos ( $\chi^2=4.692$ ,  $p<.05$ ), existindo uma proporção superior no meio rural (23/79, 29.1%), relativamente ao meio urbano (8/59, 13.6%). Em relação aos outros tipos de maus tratos assistidos pelos estudantes os resultados não revelam uma associação estatisticamente significativa, sendo como tal os resultados entre os dois meios muito semelhantes.

A análise por género revela associação significativa com o contexto social e a agressão física ( $\chi^2=4.761$ ,  $p<.05$ ), que se apresenta em proporção superior no sexo masculino (25/70, 35.7%) em relação ao sexo feminino (13/68, 19.1%); aos roubos ( $\chi^2=6.555$ ,  $p<.05$ ), com uma proporção superior de estudantes do sexo masculino (22/70, 31.4%); a espalhar boatos ( $\chi^2=3.711$ ,  $p<.05$ ), com maior proporção de estudantes do sexo feminino (28/68, 41.2%); e para os atos de indiferença ( $\chi^2=5.976$ ,  $p<.05$ ) com maior proporção de casos do sexo feminino (19/68, 27.9%). Os restantes tipo de maus tratos

apresenta uma proporção muito semelhantes de homens e mulheres não existindo como tal diferenças significativas.

*Tabela 5: Tipos de maus tratos por género.*

<i>Agressão Física</i>	<i>Sexo</i>		$X^2$	<i>P</i>
	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>		
	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>		
Não	45 (64.3%)	55 (80.9%)	4.761	.036
Sim	25 (35.7%)	13 (19.1%)		
<i>Roubo</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>P</i>
Não	48 (68.6%)	59 (86.8%)	6.555	.014
Sim	22 (31.4%)	9 (13.2%)		
<i>Meter Medo</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>P</i>
Não	58 (82.9%)	55 (80.9%)	.091	.827
Sim	12 (17.1%)	13 (19.1%)		
<i>Chamar nomes</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>P</i>
Não	15 (21.4%)	12 (17.6%)	.313	.669
Sim	55 (78,6%)	56 (82,4%)		
<i>Espalhar Boatos</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>P</i>
Não	52 (74.3%)	40 (58.8%)	3.711	.040
Sim	18 (25.7%)	28 (41.2%)		
<i>Ignorar</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>P</i>
Não	62 (88.6%)	49 (72.1%)	5.976	.018
Sim	8 (11.4%)	19 (27.9%)		
<i>Outro</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>P</i>
Não	70 (100.0%)	65 (95.6%)	3.157	.117
Sim	0 (0.0%)	2 (4.4%)		

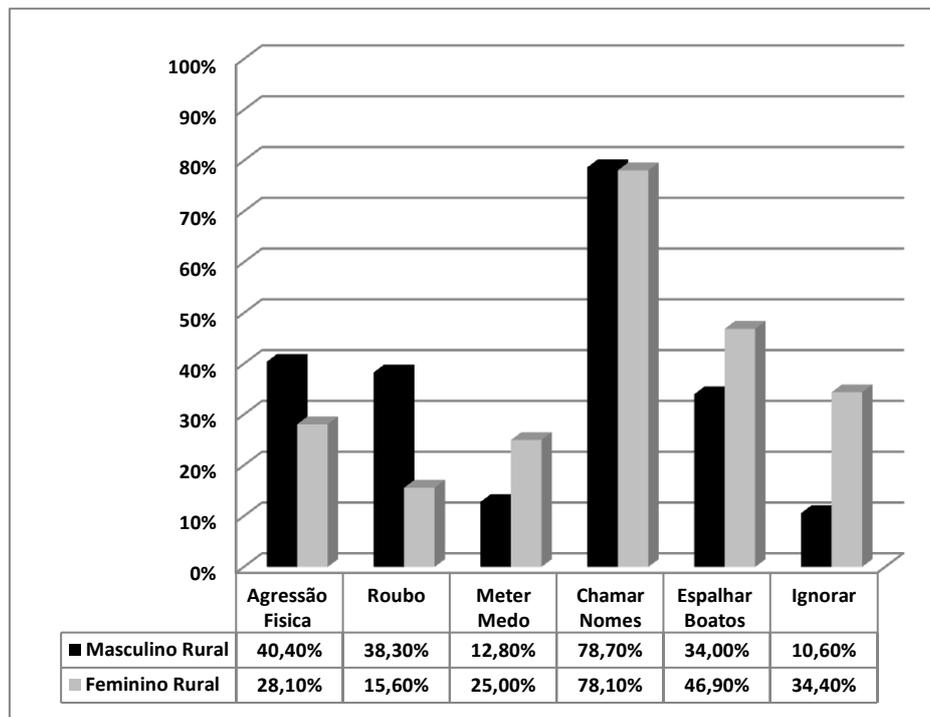
Os resultados obtidos entre os dois géneros, feminino e masculino, em cada contexto social revelam uma associação significativa em indivíduos do meio rural, entre os roubos e o sexo ( $x^2=4.742$ ,  $p<.05$ ), sendo que neste caso é superior a proporção de estudantes do sexo masculino (4/23, 17.4%), comparativamente a verificada no sexo feminino (4/36, 11.1%).

Também a associação verificada entre o género dos indivíduos do meio urbano e o “espalhar boatos” em relação a outros, mostrou-se significativa ( $x^2=5.563$ ,  $p<.05$ ), sendo neste caso superior a proporção de casos do sexo feminino (13/36, 36.1%), comparativamente à verificada no sexo masculino (2/23, 8.7%).

Uma outra associação significativa verificada foi, no caso dos estudantes do meio rural, entre o seu género e a prática de atos de indiferença entre os alunos ( $x^2=6.641$ ,  $p<.05$ ),

sendo a proporção de casos do sexo feminino superior (11/33, 34.4%) relativamente à verificada no sexo masculino (5/47, 10.6%).

Nos restantes casos os resultados apresentam-se semelhantes entre os sexos, uma vez que não se verificam associações estatisticamente significativas.



*Gráfico 1: Relação entre os atos de bullying mais frequentes e os sexos em meio rural*

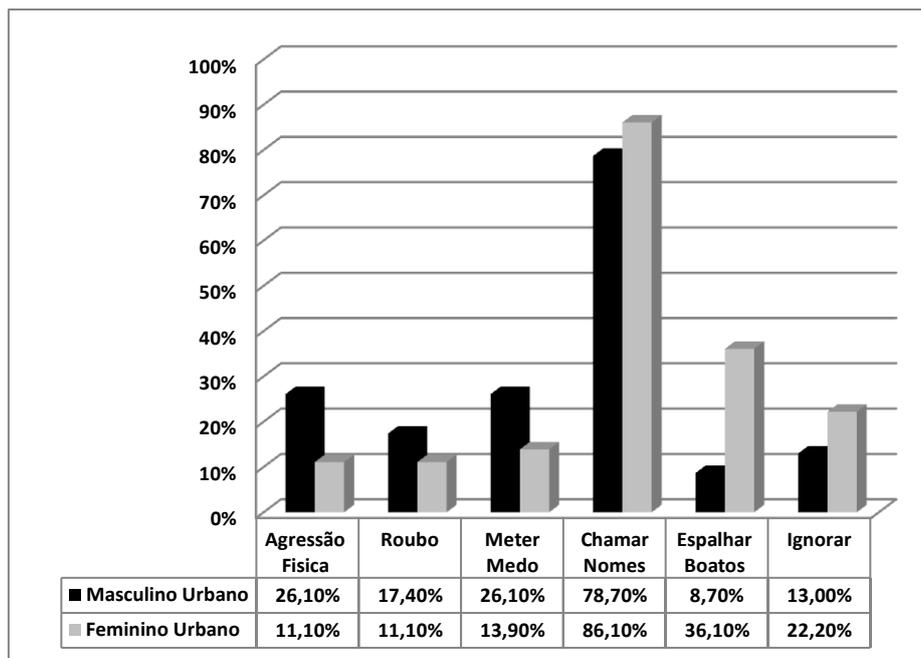


Gráfico 2: Relação entre os atos de bullying mais frequentes e os sexos em meio urbano

Quanto à frequência com que os estudantes afirmam que ocorrem os vários tipos de maus tratos é possível constatar da tabela 6, que:

- ♣ Um número superior de estudantes afirmam ocorrer pelo menos uma vez casos de agressão física (n=24, 63.2%), sendo que um número mínimo responde duas vezes (n=4, 10.5%) e três ou mais vezes (n=9, 23.7%).
- ♣ A maior parte dos estudantes que referem ter ocorrido a roubos afirma tê-lo feito por duas vezes (n=14, 45.2%) ou uma vez (n=12, 38.7%). Um número inferior afirma que viu outros alunos a ser alvo de roubo, por três ou mais vezes (n=3, 9.7%).
- ♣ Quanto ao ato de meter medo, um número mais elevado de estudantes refere ocorrer pelo menos uma vez (n=10, 40.0%) ou três ou mais vezes (n=10, 40.0%). Apenas 4 (16.0%) estudantes afirmam ter ocorrido este ato por duas vezes.
- ♣ Um número superior de estudantes afirma ter presenciado algum aluno chamar nomes a outro por três ou mais vezes (n=75, 67.6%), sendo que um número mais baixo afirma ter ocorrido tal ato duas vezes (n=20, 18.0%) e apenas uma vez (n=16, 14.4%).
- ♣ Um maior número de estudantes referem presenciar pelo menos uma vez (n=18, 39.1%) ou 3 ou mais vezes a alunos a espalhar boatos em relação

a outros (n=20, 43.5%). Em menor número encontram-se os que referem ter presenciado tal ato apenas duas vezes (n=7, 15.2%).

- ♦ Por fim, em relação a atos de indiferença, o mais comum é os estudantes observarem os mesmos mais de 3 vezes (n=13. 48.1%), sendo que em número inferior temos os que afirmam ver estes atos uma (n=7, 25.9%) ou duas vezes (n=7, 25.9%).

*Tabela 6: Tipo de maus tratos nos atos de bullying*

Agressão Física	N	%	Média (M)	Mediana
Uma vez	24	63.2	1.59	1.00
Duas vezes	4	10.5		
Três ou mais vezes	9	23.7		
Não responde	1	2.6	-	-
Total	38	100.0	-	-
Roubos	N	%	Média (M)	Mediana
Uma vez	12	38,7	1.69	1.00
Duas vezes	14	45,2		
Três ou mais vezes	3	9,7		
Não responde	2	6,5	-	-
Total	31	100,0	-	-
Meter Medo	N	%	Média (M)	Mediana
Uma vez	10	40,0	2.00	2.00
Duas vezes	4	16,0		
Três ou mais vezes	10	40,0		
Não responde	1	4,0	-	-
Total	25	100.0	-	-
Chamar nomes	N	%	Média (M)	Mediana
Uma vez	16	14,4	2.53	3.00
Duas vezes	20	18,0		
Três ou mais vezes	75	67,6		
Total	111	100,0	-	-
Espalhar Boatos	N	%	Média (M)	Mediana
Uma vez	18	39,1	2.04	2.00
Duas vezes	7	15,2		
Três ou mais vezes	20	43,5		
Não responde	1	2.2	-	-
Total	46	100.0	-	-
Ignorar	N	%	Média (M)	Mediana
Uma vez	7	25,9	2.22	2.00
Duas vezes	7	25,9		
Três ou mais vezes	13	48,1		
Total	27	100,0	-	-

De acordo com o teste de Mann-Whitney a distribuição dos resultados obtidos relativamente à frequência de visualização dos vários tipos de maus tratos, não se apresentaram significativos em nenhum dos casos, uma vez que o valor de significância obtido se apresenta sempre superior a 5 % ( $p > .05$ ), não sendo como tal as diferenças obtidas estatisticamente significativas.

Em relação às diferenças de género, os resultados obtidos também não se revelam estatisticamente significativos, dado que os valores de significância se apresentam sempre superiores a 5 % ( $p > .05$ ).

Foi apurado que é no recreio que uma proporção superior de estudantes pratica atos de *bullying* ( $n=85$ , 61.6%), seguindo-se os corredores da escola ( $n=62$ , 44.9%), a sala ( $n=25$ , 18.1%), cantina ( $n=13$ , 9.4%) e por fim a casa de banho ( $n=7$ , 5.1%).

Comparando os resultados relativos ao local onde são praticados os maus tratos em função do contexto social, os resultados do teste Fisher Qui-Quadrado não se revelam significativos em nenhum dos casos ( $p > .05$ ) sendo como tal os resultados obtidos muito semelhantes entre o meio rural e o meio urbano.

Em relação à associação entre o género dos indivíduos e os locais onde ocorre o *bullying*, esta só se apresenta significativa no caso dos estudantes que afirmam que os maus tratos ocorrem na cantina ( $\chi^2=4.389$ ,  $p < .05$ ), que se apresenta superior no grupo das mulheres (10/58, 14.7%) em relação aos homens (3/70, 4.3%).

Nos restantes casos a proporção de estudantes entre os dois sexos é muito semelhante dada a ausência de diferenças significativas ( $p > .05$ ).

Tabela 7: Locais onde predominam os atos de bullying em relação ao género

<i>Corredores da escola</i>	<i>Sexo</i>		$X^2$	<i>P</i>
	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>		
Não	35 (50.0%)	41 (60.3%)	1.477	.236
Sim	35 (50.0%)	27 (39.7%)		
<i>Casa de Banho</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>P</i>
Não	65 (92.9%)	66 (97.1%)	1.265	.441
Sim	5 (7.1%)	2 (2.9%)		
<i>Recreio</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>P</i>
Não	25 (35.7%)	28 (41.2%)	.435	.600
Sim	45 (64.3%)	40 (58.8%)		
<i>Sala</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>P</i>
Não	60 (85.7%)	53 (77.9%)	1.405	.274
Sim	10 (14.3%)	15 (22.1%)		
<i>Cantina</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>P</i>
Não	67 (95.7%)	58 (85.3%)	4.389	.044
Sim	3 (4.3%)	10 (14.7%)		

A associação entre o tipo de estudante que praticou maus tratos e o género revelou-se estatisticamente significativa ( $\chi^2=49.227$ ,  $p<.05$ ), sendo neste caso proporção de estudantes do sexo masculino que afirma ter sido um rapaz (30/67, 44.8%), vários rapazes (26/67, 38.8%), por outro lado a proporção de raparigas que afirmam que quem fez mal foi uma rapariga (15/64, 23.4%), várias raparigas (8/64, 12.5%) ou todo o tipo de intervenientes (26/64, 40.6%).

Relativamente à associação entre o tipo de estudante que cometeu o mau trato e o meio esta não se apresenta estatisticamente significativa ( $\chi^2=5.413$ ,  $p>.05$ ), sendo assim as proporções de estudantes dos dois meios apresentam-se muito semelhantes.

Tabela 8: Tipo de agressores

<i>Quem fez mal</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Um rapaz	39	28,3
Uma rapariga	16	11,6
Vários rapazes	32	23,2
Várias raparigas	11	8,0
Ambos	33	23,9
Não responde	7	5,1
Total	138	100,0

Dos dados da tabela 9, é possível observar que os estudantes que praticam *bullying*, normalmente atuam sobre alunos da mesma turma (n=72, 52.2%), seguindo-se os que referem estudantes do mesmo ano mas de outras turmas (n=36, 26.1%), os mais velhos (n=33, 23.9%), de fora da escola (n=16, 11.6%) e por fim mais novos (n=5, 3.6%).

*Tabela 9: Proximidade dos agressores*

<i>Alunos da turma</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Não	66	47,8
Sim	72	52,2
<i>Mesmo ano mas outras turmas</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Não	102	73,9
Sim	36	26,1
<i>Mais Velhos</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Não	105	76,1
Sim	33	23,9
<i>Mais novos</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Não	133	96,4
Sim	5	3,6
<i>Fora da escola</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
Não	122	88,4
Sim	16	11,6

Apenas existe associação estatisticamente significativa entre o facto dos alunos mais velhos terem sido apontados como os que cometem maior número de maus tratos e o meio de residência, ( $\chi^2=8.224$ ,  $p<.05$ ), sendo neste caso superior a proporção de estudantes que vivem no meio rural (23/79, 32.9%), relativamente aos do meio urbano (7/59, 11.9%). As restantes associações não se apresentam estatisticamente significativas ( $\chi^2=8.224$ ,  $p<.05$ ).

A associação entre o tipo de estudantes que cometeram maus tratos e o género revelou-se significativa apenas para o facto dos estudantes vistos como agressores serem de fora da escola ( $\chi^2=4.792$ ,  $p<.05$ ), sendo superior a proporção de estudantes do sexo feminino (n=12, 17.6%), e para o facto de ser mais velhos ( $\chi^2=6.246$ ,  $p<.05$ ), em que a maior proporção é dos estudantes do sexo masculino (n=23, 32.9%).

Quanto a comunicação de maus tratos aos professores e pais podemos verificar que um número inferior (n=39, 28.3%) afirma comunicar tais atos aos professores, sendo que o mesmo se verifica em relação à comunicação com os pais (n=58, 42.0%). Constata-se

também destes resultados que é superior a proporção de estudantes que refere comunicar os maus tratos que sofre aos pais.

Em relação à comunicação com professores e pais, por meio de residência, os resultados obtidos não permitem verificar uma associação significativa nem ao nível da comunicação com os professores ( $\chi^2=2.219$ ,  $p>.05$ ) nem em relação à comunicação com os pais ( $\chi^2=.001$ ,  $p>.05$ )

Quanto às diferenças entre os dois sexos as mesmas também não se mostraram significativas quer ao nível da comunicação com o professor ( $\chi^2=.006$ ,  $p>.05$ ), quer com os pais ( $\chi^2=.178$ ,  $p>.05$ ), sendo como tal a proporção de estudantes que comunica maus tratos quer aos pais, quer aos professores, muito semelhante entre os dois sexos.

*Tabela 10: Partilha com os adultos*

<i>Comunicação Professores</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Não	95	68,8
Sim	39	28,3
Não responde	4	2,9
Total	138	100,0
<i>Comunicação com Pais</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
Não	77	55,8
Sim	58	42,0
Não responde	3	2,2
Total	138	100,0

Em relação à atitude que os estudantes apresentam quando veem algum aluno a ser agredido, observa-se que a maior parte tenta ajudar ( $n=147$ , 50.0%), sendo que um número também razoável refere não fazer nada mas achar que poderia fazer ( $n=109$ , 37.1%) e um número mais reduzido ( $n=34$ , 11.6%) refere que nada faz porque não tem nada a ver com isso.

Analisando os resultados obtidos entre os dois meios a que os estudantes pertencem é possível verificar que a associação verificada não se apresenta significativa ( $\chi^2=2.547$ ,  $p>.05$ ), o que significa que os vários modos como os estudantes reagem perante situações de maus tratos são muito semelhantes entre meio rural e meio urbano.

Quanto ao género dos indivíduos este encontra-se associado de modo significativo com a atitude que os estudantes tem quando vêm algum aluno a ser alvo de maus tratos

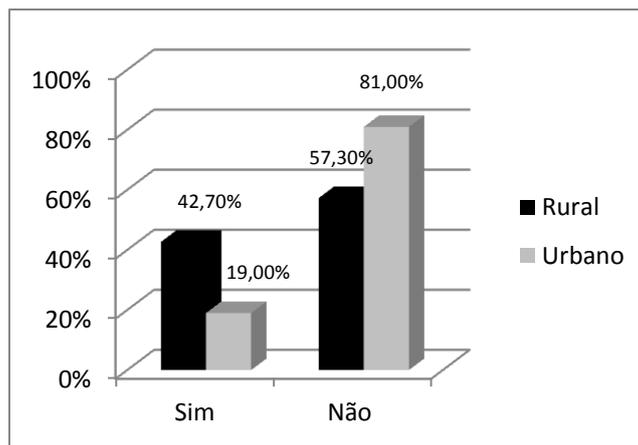
( $\chi^2=16.648$ ,  $p<.05$ ). Neste caso a proporção de casos que tenta ajudar e que são do sexo feminino apresenta-se superior (83/143, 58.0%).

Foi também verificado se existe associação entre o facto dos estudantes terem sido vítimas de maus tratos e a forma como reagem perante esse tipo de situação, tendo concluído que a associação verificada não se apresenta estatisticamente significativa ( $\chi^2=1.168$ ,  $p>.05$ ). Nota-se contudo, apesar da diferença verificada não ser significativa, que a proporção de estudantes que referem ajudar e que sofreram algum tipo de maus tratos (73/135, 54.1%) é superior à verificada pelos estudantes que também referem ajudar mas não sofreram qualquer tipo de maus tratos (74/155, 47.7%).

Comparando a atitude dos estudantes quando veem algum aluno a ser vítima de maus tratos em função do facto de já terem maltratado ou não algum estudante, nota-se dos resultados obtidos, que não existem diferenças estatisticamente significativas ( $\chi^2=.758$ ,  $p>.05$ ), apesar de se notar uma maior proporção de estudantes que se apresentam indiferentes e que não fazem nada, ainda que achem que deviam ter feito que já cometeram algum tipo de mau trato, e por outro lado um número superior de estudantes que nunca fizeram nada e que referem tentar ajudar.

Outra das questões avaliadas no presente trabalho são os maus tratos cometidos pelos estudantes. Foi possível apurar que um número mais reduzido cometeu maus tratos ( $n=87$ , 29.6%).

Analisando os resultados em função do contexto social pude observar que estes se apresentam estatisticamente significativos ( $\chi^2=19.629$ ,  $p<.05$ ). Sendo que neste caso verifiquei que os estudantes do meio rural que cometeram maus tratos se apresentam numa proporção superior (56/131, 42.7%) relativamente aos que são do meio urbano (31/163, 19.0%).



*Gráfico 3: Alunos que praticam atos de bullying nos distintos contextos sociais*

A associação entre o facto de ter cometido algum tipo de mau trato e o género dos indivíduos apresenta-se estatisticamente significativa ( $\chi^2=4.085$ ,  $p<.05$ ), sendo que neste caso a proporção de casos que cometeram maus tratos é maior no sexo masculino (52/149, 34.9%) que no feminino (35/145, 24.1%).

Analisando os resultados obtidos entre os dois sexos em cada um dos contextos sociais, é possível verificar que as associações entre o facto de cometer maus tratos e o género não são significativas ( $p>.05$ ) o que revela que a proporção de casos que comete maus tratos é muito semelhante entre os dois sexos, quer no meio rural, quer no meio urbano.

Verificou-se que a maior parte dos estudantes que afirmam ter cometido algum tipo de mau trato, efetuaram-no três ou mais vezes ( $n=33$ , 37.9%). Um número mais reduzido ainda que muito semelhantes afirmam ter praticado maus tratos uma ( $n=27$ , 31.0%) e duas vezes ( $n=26$ , 29.9%).

A frequência com que os estudantes realizam maus tratos varia significativamente entre o meio urbano e o meio rural. Recorreu-se ao teste de Mann-Whitney, e concluiu-se dos resultados não significativos obtidos ( $U=726.00$ ,  $p>.05$ ) que a frequência de maus tratos é muito semelhante entre os dois meios.

Em relação ao género, as diferenças ao nível da frequência de maus tratos também não se revelam estatisticamente significativas ( $U=815.00$ ,  $p>.05$ ).

A maioria dos estudantes comete os maus tratos acompanhado (n=39, 44.8%), sendo que um número mais reduzido, ainda que próximo, referem fazê-lo uma vez sozinho e outras acompanhado (n=31, 35.6%). Apenas 17 (19.5%) referem realizar os maus tratos sozinhos.



*Gráfico 4: Forma como se fazem acompanhar os agressores*

Foi comprovado que a associação entre a frequência com que o estudante comete maus tratos e o meio de residência não se apresenta estatisticamente significativa ( $\chi^2=3.745$ ,  $p>.05$ ). Assim pode concluir-se que a proporção de casos que cometem maus tratos ou sozinhos ou acompanhados, ou das duas formas, se apresenta muito semelhante entre os dois meios.

Já entre os dois géneros as diferenças apresentam-se estatisticamente significativas ( $\chi^2=7.835$ ,  $p<.05$ ). Deste modo é possível afirmar que, por exemplo, a proporção de casos que afirma praticar maus tratos acompanhado é superior no sexo feminino (22/35, 62.9%) comparativamente à verificada no sexo masculino (17/52, 32.7%).

Da análise da gráfico 5, pode observar-se que a proporção de estudantes que apenas chama nomes (62/87, 71.3%) se apresenta em número superior, seguindo os que cometem atos de agressão física (28/87, 32.2%), ignoram (25/87, 28.7%), metem medo (19/87, 21.8%), espalham boatos (11/87, 12.7%) e por fim que roubam (4/87, 4.6%).

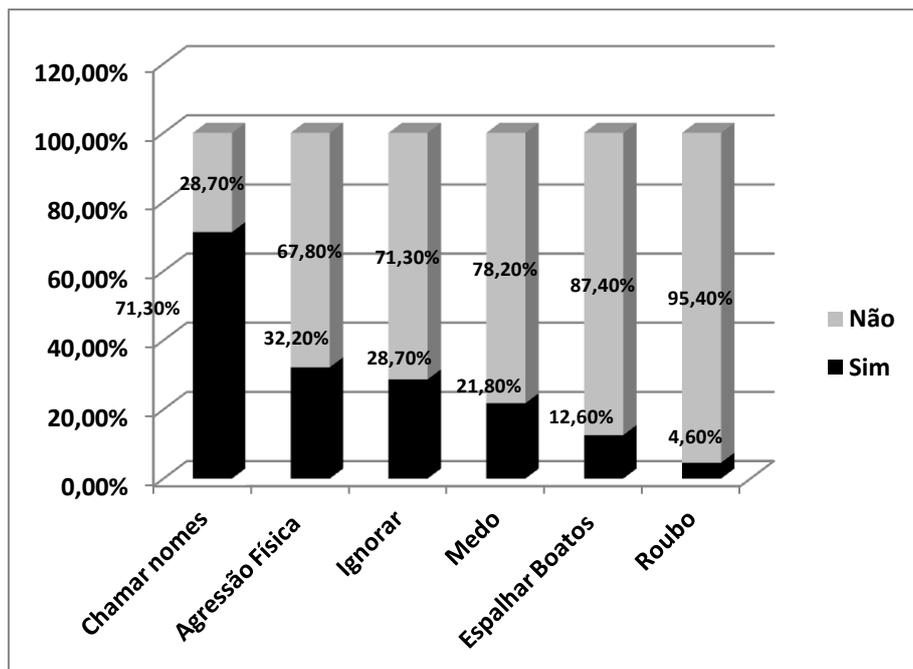


Gráfico 5: Tipos de atos de bullying

A associação existente entre os vários tipos de maus tratos e o meio em que os estudantes estudam, não se apresentam estatisticamente significativa em nenhum dos casos ( $p > .05$ ), o que significa que as diferenças entre as proporções de estudantes que cometem os vários tipos de maus tratos não variam significativamente, sendo como tal muito semelhantes.

A associação entre o tipo de mau trato infringido pelo estudante e o seu género, apenas se apresenta significativa no caso de:

- ◆ Estudantes do meio rural que praticam agressão física ( $\chi^2=5.534$ ,  $p < .05$ ), sendo a proporção superior no caso dos estudantes do sexo masculino (14/33, 42.4%).
- ◆ Estudantes do meio urbano que espalham boatos ( $\chi^2=5.563$ ,  $p < .05$ ) que se apresenta superior no sexo feminino (2/12, 16.7%).
- ◆ Estudantes do meio rural que adotam comportamentos de indiferença ( $\chi^2=6.641$ ,  $p < .05$ ), cuja proporção se apresenta superior nos estudantes do sexo masculino (11/33, 33.3%).

De acordo com a tabela 11, verifica-se:

- ◆ A maior parte dos indivíduos praticou atos de agressão física apenas uma vez (n=9, 32.1%), sendo mais reduzido o número que pratica três ou mais vezes (n=8, 28.6%) e duas vezes (n=6, 21.4%).
- ◆ Em relação aos roubos a maior parte comete apenas uma vez (n=2, 50.05) sendo que os restantes 2 (50.0%) indivíduos não se pronunciam sobre o número de vezes que cometem este mau trato.
- ◆ A maior parte dos estudantes afirma meter medo a outros apenas uma vez (n=8, 42.1%), seguindo-se os que metem mais que duas vezes (n=21.1%) e 3 ou mais vezes (n=2, 10.5%).
- ◆ Um número superior chama nomes aos colegas 3 ou mais vezes (n=26, 41.9%). Apenas 14 (22.6%) refere tê-lo feito apenas uma vez e um número semelhante duas vezes.
- ◆ Em relação ao facto de espalhar boatos um número mais elevado de estudantes afirma tê-lo feito apenas uma vez (n=4, 36.4%), sendo que os restantes 3 (27.3%) espalharam boatos 3 ou mais vezes e apenas 1 (9.1%) duas vezes.
- ◆ Por fim a maioria dos estudantes refere ter ignorado os colegas uma vez (n=9, 36.05%), sendo que os restantes 5 (20.0%) fê-lo duas vezes e 4 (16.0%) 3 ou mais vezes.

*Tabela 11: Reincidência nos atos de bullying*

<i>Agressão Física</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>Média (M)</i>	<i>Mediana</i>
Uma vez	9	32,1	1.96	2.00
Duas vezes	6	21,4		
Três ou mais vezes	8	28,6		
Não responde	5	17,9	-	-
Total	28	100.0	-	-
<i>Roubos</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>Média (M)</i>	<i>Mediana</i>
Uma vez	2	50.0	1.00	1.00
Duas vezes	0	0.0		
Três ou mais vezes	0	0.0		
Não responde	2	50.0	-	-
Total	4	100.0	-	-
<i>Meter Medo</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>Média (M)</i>	<i>Mediana</i>
Uma vez	8	42.1	1.57	1.00
Duas vezes	4	21.1		
Três ou mais vezes	2	10.5		
Não responde	5	26.3	-	-
Total	19	100.0	-	-
<i>Chamar nomes</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>Média (M)</i>	<i>Mediana</i>
Uma vez	14	22.6	2.22	2.00
Duas vezes	14	22.6		
Três ou mais vezes	26	41.9		
Não responde	8	12.9		
Total	62	100.0	-	-
<i>Espalhar Boatos</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>Média (M)</i>	<i>Mediana</i>
Uma vez	4	36,4	1,87	1,50
Duas vezes	1	9,1		
Três ou mais vezes	3	27,3		
Não responde	3	27,3	-	-
Total	11	100.0	-	-
<i>Ignorar</i>	<i>N</i>	<i>%</i>	<i>Média (M)</i>	<i>Mediana</i>
Uma vez	9	36.0	1.72	1.50
Duas vezes	5	20.0		
Três ou mais vezes	4	16.0		
Não responde	7	28.0		
Total	25	100.0	-	-

Analisando os resultados obtidos relativos à frequência com que os estudantes cometem os vários tipos de maus tratos, concluí que em nenhum dos tipos de maus tratos a frequência é significativamente diferente entre o meio rural e o meio urbano ( $p > .05$ ), sendo como tal muito semelhante a frequência de maus tratos.

Em relação aos locais onde os estudantes afirmam cometer maus tratos, uma proporção superior afirma efetuar os mesmos no recreio (51/87, 58.6%), seguindo-se os corredores da escola (39/87, 44.8%), a sala de aula (15/87, 17.2%), a cantina (8/87, 9.2%), outros espaços não identificados (8/87, 9.2%) e por fim a casa de banho (6/87, 6.9%).

Analisando a associação entre os vários locais de prática de maus tratos e o meio de residência dos estudantes é possível verificar que em nenhum dos vários tipos de maus tratos os resultados se apresentam significativos ( $p > .05$ ), o que revela que a proporção de estudantes que comete algum dos tipos de maus tratos não varia significativamente entre o meio rural e o meio urbano.

Também a análise da associação com o género dos estudantes não se revelou estatisticamente significativa em nenhum dos casos ( $p > .05$ ), sendo assim a proporção de estudantes que cometem maus tratos nos vários tipos de locais muito semelhantes entre homens e mulheres.

Em relação aos principais alvos de agressão dos estudantes que praticam maus tratos os resultados, indicam que a maior parte fá-los a um rapaz ( $n=35$ , 40.2%). Apenas 5 (5.7%) referem fazê-lo a várias raparigas.

A associação entre o alvo da agressão e meio de residência também não se apresenta estatisticamente significativa ( $\chi^2=9.823$ ,  $p > .05$ ), sendo que neste caso as diferenças na proporção de homens e mulheres relativas aos vários tipos de agressão não se apresenta significativamente diferentes.

A associação existente entre o alvo de agressão e o género dos estudantes revelou-se estatisticamente significativa ( $\chi^2=39.065$ ,  $p < .05$ ). Assim pode observar que a proporção de estudantes do sexo masculino que refere que o alvo da agressão foi um rapaz (28/50, 56.0%), ou vários rapazes (13/50, 26.0%) é superior, e que por outro lado a proporção de estudantes do sexo feminino que referem como alvo da agressão são raparigas (12/33, 36.4%), várias raparigas (5/33, 15.2%) ou quer rapazes quer raparigas (8/33, 24.2%) é superior.

Tabela 12: Relação entre vítima e o género do agressor

Alvo da Agressão	Sexo		$X^2$	p
	Masculino	Feminino		
Um rapaz	28 (56.0%)	7 (21.2%)	39.065	.000
Uma rapariga	1 (2.0%)	12 (36,4%)		
Vários rapazes	13 (26.0%)	0 (0.0%)		
Várias raparigas	0 (0.0%)	5 (15.2%)		
Ambos	8 (16.0%)	8 (24.2%)		
Outro	0 (0.0%)	1 (3.0%)		
Total	50 (100.0%)	33 (100.0%)		

Observou-se que uma proporção superior de estudantes (49/87, 56.3%), refere que cometeu algum tipo de maus tratos com alunos da mesma turma, seguindo-se os que referem que foi com alunos do mesmo ano mas de outras turmas (28/87, 32.2%), mais velhos (13/87, 14.9%), de fora da escola (11/87, 12.6%), mais novos (4/87, 4.6%) e outros (2/87, 2.3%).

Analisados os resultados obtidos para o tipo de indivíduos que são agredidos de acordo com o meio em que residem os estudantes, pode observar-se que existe associação significativa entre:

- ◆ O facto do aluno alvo de maus tratos ser da mesma turma que ao agressor ( $x^2=8.714$ ,  $p<.05$ ), sendo superior a proporção de estudantes do meio urbano (24/31, 77.4%).
- ◆ O facto do aluno agredido ser mais velho ( $x^2=8.461$ ,  $p<.05$ ), sendo claramente superior a proporção de estudante do meio rural (13/56, 23.2%).
- ◆ Os estudantes que são de fora da escola e que são fora da escola apresentam em proporção claramente superior (11/87, 19.6%).

Nos restantes casos os resultados não se apresentaram estatisticamente significativos o que indica que a proporção de estudantes entre o meio rural e o meio urbano se apresenta muito semelhante ( $p>.05$ ).

Tabela 13: Proximidade das vítimas com os agressores nos distintos meios sociais

<i>Aluno mesma turma</i>	<i>Meio</i>		$X^2$	<i>p</i>
	<i>Rural</i>	<i>Urbano</i>		
	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>		
Não	31 (55.4%)	7 (22.6%)	8.714	.004
Sim	25 (44.6%)	24 (77.4%)		
<i>Mesmo ano e outras turmas</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>p</i>
Não	39 (69.6%)	20 (64.5%)	.240	.639
Sim	17 (30.4%)	11 (35.5%)		
<i>Mais velhos</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>p</i>
Não	43 (76.8%)	31 (100.0%)	8.461	.003
Sim	13 (23.2%)	0 (0.0%)		
<i>Mais novos</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>p</i>
Não	52 (92.9%)	31 (100.0%)	2.321	.292
Sim	4 (7.1%)	0 (0.0%)		
<i>Fora da Escola</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	$X^2$	<i>p</i>
Não	45 (80.7%)	31 (100.0%)	6.971	.007
Sim	11 (19.6%)	0 (0.0%)		

Em relação ao género não se verifica nenhum tipo de associação estatisticamente significativa com a os vários tipos de alunos que os estudantes que cometem maus tratos referem ter agredido ( $p > .05$ ), sendo como tal os resultados obtidos muito semelhantes entre homens e mulheres.

## 2. Análise dos resultados

Os resultados apurados através da análise estatística, apresentaram-se conclusivos e congruentes com os objetivos propostos analisar no presente estudo. O *bullying*, no distrito de Aveiro, existe e revelou resultados importantes em ambos os meios analisados.

De acordo com a bibliografia analisada (Farrington & Loeber, cit. Por Fonseca, 2000, p. 20; O'Morre, 1989; Swartz, 1997; Farrington, cit. por Negreiros, 2003, p. 73; Rochex, 2003; Englander, 1997; Smith & Sharp, 1994) este estudo é coerente, uma vez que foi comprovado que os estudantes da escola inserida em meio rural são mais frequentemente vítimas de maus tratos do que os estudantes que estudam na escola inserida em meio urbano.

É de salientar que este estudo possibilita a compreensão de alguns aspetos do fenómeno *bullying* no contexto escolar, correspondendo a alguns dados da literatura que demonstram um maior envolvimento do sexo masculino neste fenómeno (Almeida *et al.*, 2007; Olweus, 1998; Salmivalli, 1998). Salienta-se, assim, que os atos de agressividade que caracterizam o *bullying* podem possuir significados diferentes para os alunos e para as alunas. Se para os rapazes, a liderança assumida enquanto agressor pode representar poder e dominação (Salmivalli, 1998), para as raparigas um fenómeno de *bullying* é representado de uma forma mais subtil e discreta de agressão como, por exemplo, a agressão verbal ou “espalhar boatos”. É possível que características biológicas, como a força física, possam fazer com que os rapazes usem mais agressividade direta e física do que as meninas, podendo assim efetivamente envolverem-se mais em episódios de *bullying*, ou apenas serem mais notados que as raparigas (Grotmeter & Crick, 1996; Hinde, 1987; Lisboa, 2005).

Relativamente ao agressor confirmou-se que na escola do meio rural existem mais alunos, e do sexo masculino, a violentar um colega de escola comparativamente com a escola do meio urbano. Uma vez que as classes sociais mais carenciadas parecem utilizar a violência como forma de resolução de conflitos, é credível que as competências sociais, tal como a assertividade, podem não ser muito desenvolvidas e transmitidas pelos progenitores.

Outro sinal alarmante detetado foi que a maioria dos estudantes agressores afirmaram cometer maus tratos mais que três vezes, e neste caso, não se averiguaram diferenças entre os meios socioeconómicos. O agressor, na maioria das vezes, e em ambos os meios, afirma praticar atos de violência acompanhado, ou prefere fazê-lo numa primeira vez sozinho, e depois acompanhado. Porém, são as raparigas que mais afirmam praticar maus tratos acompanhadas e neste caso, pode estar associado com a competitividade existente no seio das raparigas motivada por questões estéticas ou amorosas.

“Chamar nomes”, ou “insultar”, é o tipo de maus tratos mais utilizado na amostra analisada em ambos os meios, seguindo-se da agressão física e por fim o “ignorar”. Mas, ao analisar cada tipo de mau trato físico, denotou-se que os estudantes inseridos no contexto rural do sexo masculino praticam mais agressão física, bem como a indiferença. Na escola do meio urbano, espalhar boatos, difamar, é o mau trato mais regular e praticado pelo sexo feminino, facto que é congruente com Olweus (1993).

“Agressão física”, o “roubo” e o “meter medo” parecem ser um tipo de maus tratos muito pouco recorrente, e utilizado apenas em casos extremos, uma vez que a maior parte dos alunos do sexo masculino apenas a pratica uma vez.

Um número superior de alunos insulta os colegas mais que três vezes tal como os resultados de inúmeros estudos portugueses.

O local onde a prática de *bullying* ocorre mais frequentemente é congruente com os estudos de Olweus, Craig e Peper ou até Pereira, uma vez que foi no recreio que se registou um maior número de frequência, seguindo-se dos corredores da escola e depois da sala de aula, verificando-se a mesma frequência tanto no sexo masculino como feminino.

É também verificado neste estudo que o principal alvo de agressão é maioritariamente apenas um rapaz. Constatei ainda que os agressores rapazes escolhem sempre um só rapaz como alvo, e em menor escala vários rapazes, e que as raparigas tendencialmente escolhem raparigas como alvo, tal como estudos de Lagerspetz e Bjorkvist (1994) e Olweus (1994).

O agressor, quer masculino, quer feminino, opta por vitimar mais colegas da própria turma, além do mesmo ano mas de outras turmas, da mesma forma que concluíram Lagerspetz e Bjorkvist (1994). Estranhamente os agressores também afirmam que

costumam agredir alunos mais velhos, e apenas depois, e em menor escala, admitem agredir alunos mais novos. Constatou-se que no meio urbano o agressor tende a agredir mais colegas da própria turma, mas é no meio rural que ocorrem casos de agressões a alunos mais velhos.

Uma parte importante do presente estudo foi também analisar o fenómeno *bullying* através do olhar do espectador, ou seja, procurei compreender a perceção que tem o aluno, que não é agressor nem vítima, mas que simplesmente assiste a casos de *bullying*, apenas no papel de par.

“Assistir a insultos” foi um dos tipos de violência escolar mais referidos, seguindo-se a “espalhar boatos”, e em menor escala a “agressão”, protagonizada essencialmente por rapazes comparativamente ao sexo feminino. Porém, no meio rural os alunos afirmaram assistir a mais agressões físicas do que no meio urbano. A “indiferença” foi também uma forma de agressão bastante sentida nos olhares do sexo feminino.

Na escola do meio urbano, “espalhar boatos” e “difamar”, foi o tipo de *bullying* mais sentido pelo sexo feminino. Algo que vai ao encontro da bibliografia analisada, (Olweus, 1993; Lopes, 2005).

Na generalidade os alunos afirmam apenas ter visto uma vez casos de agressão física, algo que também foi possível apurar pelos agressores, já que recorrem a violência física num número reduzido. O roubo é também um tipo de agressão bastante citada pelos alunos, sendo que afirmam ter visto pelo menos duas vezes esse fenómeno acontecer. Um número superior de estudantes afirmam ter presenciado algum aluno chamar nomes a outro por três ou mais vezes.

Relativamente ao local, não existindo diferenças entre meios, a maioria dos estudantes referem que os atos de agressão ocorrem no recreio e seguidamente nos corredores da escola. Facto que é equivalente também aos resultados referentes ao agressor e a vítima.

Relativamente ao género da vítima, não se registando diferenças nos dois meios, a maioria dos alunos rapazes afirma que os atos por eles assistidos são principalmente feito apenas só a um rapaz e seguidamente por vários. Tal como as raparigas que afirmam que o ato de agressão é feito de rapariga para rapariga e em menor escala várias raparigas para uma rapariga. Sendo coerente com os resultados dos agressores.

Além disso, referem ainda que os agressores agridem essencialmente alunos da mesma turma e depois do mesmo ano, mas em turmas diferentes.

Um importante indicativo de ajuda e solidariedade e identificação entre pares foi confirmada quando os resultados revelaram que a maioria dos estudantes tenta sempre ajudar o colega ou colegas que estão a ser alvo de *bullying*. Este facto é verificado em ambos os meios. Porém são as raparigas que demonstram maior solidariedade de forma a ajudar os colegas do que o sexo masculino.

Os alunos que já praticaram maus tratos referem ficar indiferentes quando veem um aluno a ser vítima de violência escolar. Este facto é um indicador importante do perfil do bullie, que poderá ser desenvolvido em estudos posteriores.

Tal como Ruiz (1994) verificou no seu estudo, relativamente à comunicação de maus tratos a figuras adultas, verifiquei que geralmente os alunos recorrem mais aos pais de que aos professores. Esta constatação é um alerta importante na medida em que o professor pode não ser encarado como figura de auxílio e confiança. O professor deve ser um dos principais agentes a travar atos de violência escolar, não só pelo seu papel nas escola mas também enquanto educador, e isto deverá ser um ponto a desenvolver em estudos futuros.

### 3. Conclusão

No seguimento da análise dos resultados deste estudo, pode concluir-se que de facto os comportamentos de *bullying* existem com uma certa assiduidade em ambas as escolas, com maior incidência na escola inserida em contexto rural. O contexto socioeconómico e cultural dos alunos que frequentam uma escola contribui igualmente para a construção da sua personalidade e dos seus atos. Foi demonstrado que fatores externos à escola influenciam o comportamento dos estudantes. Assim sendo, o facto da maioria dos alunos viverem apenas com a mãe, ausentes de figura paterna, poderá ser uma causa de aumento de atos violentos. A família, primeiro contexto em que ocorre a socialização da criança, desempenha um papel fundamental no comportamento que esta adotará futuramente, na perceção do mundo envolvente e nas relações interpessoais, desenvolvidas ao longo da sua vida.

Apesar de existirem mais agressores do sexo masculino, o número de alunas agressoras é igualmente preocupante. Uma vez que não se registaram diferenças entre os meios habitacionais, estes resultados poderão ser um forte indicador de que o comportamento feminino está a mudar e a tornar-se mais agressivo. Apesar das formas de violência serem praticadas de forma diferente pelo sexo feminino o número de ocorrências deve ser um factor de alerta. Este indicador poderá representar uma descentralização da atenção da figura de *bullie* masculino, nas escolas. Passando este a ser igualmente partilhado e vigiado pelas entidades formadoras da escola.

Apesar de a maioria dos comportamentos de *bullying* ocorrerem na escola integrada em meio rural a firmeza como se manifesta na escola em contexto urbana é por sua vez significativa e motivo de preocupação.

Embora o contexto escola fosse o analisado e onde ocorrem os comportamentos *bullying* analisados, não é demais referir que a sua prevenção passa, por fatores que se encontram associados as crianças/jovens desde a família à comunidade. Urge concentrar e reunir um apoio da rede social que abranja todos os agentes influentes e reguladores de cada aluno.

As relações intergeracionais deverão ser estimuladas e sedimentadas, desta forma poderá chegar-se a um aumento de confiança em relação aos adultos. É importante que as crianças/jovens considerem, de forma generalizada, que o adulto é sempre um agente

regulador, protetor e mediador de situações que os coloquem em inferioridade. Cabe ao adulto estar também astuto para os sinais, de forma a quebrar o silêncio e auxiliar muitas vezes sem pedido de ajuda.

Deste modo, todos estes fatores devem ser alvo de estudo e atenção permanente, de modo a que encontrem respostas viáveis e adequadas na tentativa de minimizar e até eliminar o *bullying* nas escolas, deverá para isso criar-se mecanismos de intervenção. Só dessa forma se poderá transformar o percurso errado de jovens agressores, problemáticos e perturbadores, propensos a uma futura delinquência, em futuros cidadãos saudáveis e úteis, integrados na vida ativa. Sugere-se que estudos futuros investiguem outras fontes de informações, como, por exemplo, a percepção dos professores sobre o fenómeno do *bullying*, podendo incluir, também, estudos observacionais. Desta forma, o entendimento do *bullying* poderia ser ampliado, permitindo o cruzamento de informações. Uma das outras soluções passaria por uma observação *in loco* das relações interpessoais dos discentes com os pares e no seio da própria família, permitindo enriquecer e elucidar alguns aspetos relativos à influência destas na ocorrência de *bullying*. Não obstante, analisar a problemática da relação entre pares na escola, considerando apenas a família, revela-se redutor, pois a família deve, ela própria, ser observada no contexto da comunidade que a integra.

Além disto, o estudo é também relevante para identificar fatores e comportamentos de risco e proteção no contexto escolar. A partir destes achados, enfatiza-se a importância de estudos longitudinais, uma vez que os papéis do *bullying* podem variar de acordo com o tempo e o com contexto em que a criança/jovem está inserida. Seria útil proceder, futuramente, à avaliação do fenómeno do *bullying* nos discentes do segundo ciclo, no sentido de averiguar o grau de *bullying* existente globalmente neste contexto escolar e verificar se, tal com outras investigações concluem que, neste ciclo, o fenómeno incrementa. Além disso, seria fundamental para que a organização escolar pudesse delinear e implementar formas de atuação de acordo com o nível/idade dos alunos, de modo a minimizar e até excluir este fenómeno do seu contexto.

A escola deve possibilitar a formação acerca do *bullying* visando o pessoal docente, não docente, pais, encarregados de educação e toda a comunidade educativa, dinamizando ações de sensibilização, reuniões e até da simples distribuição de panfletos informativos. Logo que as crianças iniciam a sua vida escolar, estas devem ser

conscencializadas para os comportamentos a evitar e a denunciar no âmbito das relações com os pares, fomentando valores tais como a tolerância e o respeito.

Estudos descritivos e comparativos, como o presente, são importantes para o planeamento de intervenções futuras, que combatam e previnam a vitimização entre pares.

## Bibliografia

- Almeida, A. (1999). "Portugal". In P. Smith (et. al.), *The Nature of School Bullying: A Cross-National Perspective*. London: Routledge, 174-186.
- Amado, J. & Freire, I. (2002). *Indisciplina e Violência na Escola - Compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA.
- Asseiro, J. (2005). *Participação dos pais na vida da escola e no acompanhamento dos filhos – A perspetiva de uma associação de pais*. in: Educação e família, Seminários e colóquios (Org.) (87-94). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Barros, N. (2010). *Bullying - Violência nas Escolas*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Carvalhosa, S. (2010). *Prevenção da Violência e do Bullying em Contexto Escolar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Cohen, L. & Manion, I. (1990). *Métodos de investigação educativa*. Madrid: La Muralla. (Ribeiro, 2007)
- Coie, J., Dodge, K., Terry, R. & Wright, V. (1991). *The role of aggression in peer relations: An analysis of aggression episodes in boys' play groups*. *Child Development*, 62 (4), 812-826.
- Constantine, A. (2004). *Bullying: como combatê-lo?*. Itália: Nova Editora, 2004
- Costa, M., & Vale, D. (1999). *A violência nas escolas*. Lisboa: IIE.
- Craig, W. & Pepler, D. (2000). *Observations of bullying and victimization in the school yard*. In W. Craig (Ed.), *Childhood social development* (116-136). Oxford: Blakwell Publishers.
- Crick, N. & Grotpeter, J. (1996). *Children's maltreatment by peers: Victims of relational aggression*. *Development and Psychopathology*, 8, 367-380.
- Davies, D. Marques, R. & Silva, P. (1997). *Os professores e as famílias – A colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Dupâquier, J. (2000). *La Violence en Milieu Scolaire*. Paris: Presses Universitaires de Frances.

- Fante, C & Pedra, J. (2008). *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008
- Fonseca, A. (1984). *Tendências actuais no estudo da agressão infantil*. Revista Portuguesa de Pedagogia.
- Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas.
- Hinde, R. & Stevenson-Hinde, J. (1987). *Relating childhood relationships to individual characteristics*. Relationships and Development. Social Science Research Council, pp. 27-49.
- Jares, R. (2002). *Educação e conflito*. Guia de educação para a convivência. Porto: Edições Asa.
- Lagerspetz, K. & Bjorkqvist, K. (1994). “*Indirect Agression in Boys and girls*”. In L. Huesman, (ed). *Aggressive Behavior. The current perspectives*. New-York and London: Plenum Press, 131-150.
- Lane, D. (1989). “*Violent histories: bullying and criminality*”. In D. Tattum & D. Lane. *Bullying in Schools*. London: Trentham Books.
- Lisboa, C. (2005). *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: Fatores de risco e proteção*. Unpublished Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Lopes Neto, A. (2005). *Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes*. Jornal de Pediatria (Rio de Janeiro), 81(5), 164-172.
- Maccoby, E. , & Martin, J. (1983). *Socialization in the context of the family: Parent–child interaction*. In P. H. Mussen & E. M. Hetherington, *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development (4th ed.)*. New York: Wiley.
- Malhotra, K. (2006). *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006, 720.
- Martins, M. (2009). *Maus tratos entre adolescentes na escola*. Lisboa: Editorial Novembro.

- Matos, M. & Carvalhosa, S. (2001). *Violência na escola: vítimas, provocadores e outros*. 2, nº 1. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). *Violência, Bullying e Delinquência*. Lisboa: Coisas de Ler Edições.
- Negreiros, J. (2003). “*Relação entre comportamentos agressivos e outros comportamentos desviantes nos jovens: um estudo em meio escolar*”. In J. Correia & M. Matos (Org.). *Violência e Violências da e na Escola*. Porto: Edições Afrontamento, 73-83.
- Neto A. & Saavedra L. (2004). *Diga NÃO para o Bullying*. Rio de Janeiro: ABRAPI.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at School*. Oxford: Blackwell.
- Olweus, D. (1994). “*Bullying at school – Long-term outcomes for the victims and effective School-Based intervention Program*”. In L. Huesman (ed). *Aggressive Behavior. The current perspectives*. New-York and London: Plenum Press, 97-130.
- Ortega, R., & Del Rey, R. (2002). *Estratégias educativas para a prevenção da violência*. Brasília, DF: UNESCO
- Pereira, B. & Pinto, A. (2001). *A escola e a criança em risco- Intervir para prevenir*. Porto: Edições ASA.
- Pereira, B. (2002). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Porto: Fundação Calouste Goulbenkian. Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Relvas, A. (2003). *Por detrás do espelho – da teoria à terapia com a família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Ribeiro, A. T. (2007). *O Bullying em contexto escolar - Estudo de caso*. Porto: Universidade Portucalense.
- Rochex, J. (2003). *Pistas para uma desconstrução do tema “a violência na escola”*. In J. M. Correia & M. Matos (Orgs.), *Violência e violências da e na escola* (pp. 13-21). Lisboa: Edições Afrontamento/CIIE.

- Ruiz, O. (1994). *“Investigaciones y experiencias”- violencia interpersonal en los Centros Educativos de Enseñanza Secundaria, un estudio sobre el maltrato e intimidación entre compañeros*”. Revista de Educación, 304, 253-280.
- Rutherford, R., & Lopes, J. (1994). *Problemas de Comportamento na Sala de Aula, Identificação, Avaliação e modificação*. Porto: Porto Editora.
- Salmivalli, C., Lagerspetz, K., Bjorkqvist, K., Österman, K. & Kaukiainen, A. (1998). *Bullying as group process: Participant roles and their relations to social status within the group*. Aggressive Behaviour, 22:1-15.
- Sampaio, D. (1996), *Voltei à Escola*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Smith, P. & Sharp, S. (1994). “The problem of school bullying”. In P. Smith & S. Sharp, *School Bullying: Insights and perspectives*. London and New York: Routledge, 1-19.
- Strecht, P. (2003). *À Margem do Amor: Notas sobre delinquência Juvenil*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Tattum, D. (1982). *“Disruptive Pupils in Schools and Units”*. Great Britain: John Wiley & Sons.
- Torres, M., Fernandez, M. & Sanchez, A. (1999). *Relaciones Sociales y Prevención de la inadaptación Social y Escolar*. Málaga: Ediciones Aljibe, ltd.
- Veiga, F. (2001). *A Indisciplina e a Violência na Escola. Práticas Comunicacionais para Professores e Pais*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Vergara, S. (1997). *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas, 1997.
- Whitney, I. & Smith, P. (1993). *A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools*. Educational Research, 35 (1), 3-25.

# Anexos

- Pretendemos com este inquérito realizar um estudo sobre a violência entre pares na escola.
- A tua colaboração é de grande utilidade. Por favor, responde com sinceridade. Os dados obtidos são confidenciais.
- Não escrevas o teu nome em parte alguma. O questionário é anónimo.
- Agradecemos, desde já a tua colaboração.

Inquérito N° \_\_\_\_\_

1. Idade: \_\_\_\_\_ anos

2. Género:

Masculino  Feminino

3. Ano de escolaridade:

7º  8º  9º

4. Habilitações dos pais/Encarregados de Educação

Ano de escolaridade do Pai: \_\_\_\_\_

Ano de escolaridade da Mãe: \_\_\_\_\_

5. Profissão Pais/Encarregados de Educação

Profissão do Pai: \_\_\_\_\_

Profissão da Mãe: \_\_\_\_\_

6. Quem vive contigo?

Pai  Mãe  Avó  Avô

Padrasto  Madrasta  Tia  Tio

Irmão(s)  Quantos? \_\_\_\_\_

Outros  Quem? \_\_\_\_\_

7. Já alguma vez reprovaste de ano? Coloca um X na resposta.

Sim  Não

7.1. Se respondeste NÃO, passa para a questão 8.

7.2. Quantas vezes reprovaste? Coloca um X na resposta. (uma só opção).

1 vez  2 vezes  + de 2 vezes

7.3. Em que ciclo reprovaste? Coloca um X na(s) resposta(s).

1º Ciclo  2º Ciclo  3º Ciclo

8. Ao longo da tua vida escolar, nesta escola: Coloca um X na resposta (*uma só opção*).

Nunca me fizeram mal  Já me fizeram mal

8.1. Se respondeste NUNCA, passa para a pergunta 16.

9. Se já te fizeram mal, de que forma o fizeram? Coloca um X na resposta (*várias opções*).

Agrediram-me fisicamente	<input type="checkbox"/>	Quais? _____
Roubaram-me objectos pessoais	<input type="checkbox"/>	
Meteram-me medo	<input type="checkbox"/>	
Chamaram-me nomes	<input type="checkbox"/>	
Espalharam boatos	<input type="checkbox"/>	
Ignoraram-me	<input type="checkbox"/>	
Outra(s)	<input type="checkbox"/>	

10. Com que frequência te fizeram mal? Coloca um X na(s) resposta(s) (*várias opções*).

	1 vez	2 vezes	3 ou + vezes
Agrediram-me fisicamente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Roubaram-me objectos pessoais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Meteram-me medo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Chamaram-me nomes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Espalharam boatos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ignoraram-me	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

11. Em que local te fizeram mal? Coloca um X nas respostas (*várias opções*).

Nos corredores da escola	<input type="checkbox"/>	Quais? _____
Na casa de banho	<input type="checkbox"/>	
No recreio	<input type="checkbox"/>	
Na sala	<input type="checkbox"/>	
Na cantina	<input type="checkbox"/>	
Outro(s)	<input type="checkbox"/>	

12. Quem te fez mal? Coloca um X na resposta escolhida (*uma só opção*).

Um rapaz	<input type="checkbox"/>	Quem? _____
Uma rapariga	<input type="checkbox"/>	
Vários rapazes	<input type="checkbox"/>	
Várias raparigas	<input type="checkbox"/>	
Ambos	<input type="checkbox"/>	
Outro	<input type="checkbox"/>	

13. De que turma são os alunos que te fizeram mal? Coloca um X nas respostas (várias opções).

Da minha turma	<input type="checkbox"/>
Do meu ano mas de outras turmas	<input type="checkbox"/>
São mais velhos	<input type="checkbox"/>
São mais novos	<input type="checkbox"/>
São de fora da escola	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/> Qual? _____

14. Comunicaste ao teu professor que te fizeram mal na escola? Coloca um X na resposta (uma só opção).

Sim  Não

15. Comunicaste ao teu pai/mãe que te fizeram mal na escola? Coloca um X na resposta (uma só opção).

Sim  Não

16. O que fazes quando vês que estão a fazer mal a um(a) aluno(a)? Coloca um X na resposta (uma só opção).

Nada, não é nada comigo	<input type="checkbox"/>
Nada, mas acho que devia ajudar	<input type="checkbox"/>
Tento ajudar	<input type="checkbox"/>

16.1. Se respondeste TENTO AJUDAR explica como: \_\_\_\_\_

17. Desde que frequentas esta escola, já fizeste mal a um(a) aluno(a)? Coloca um X na resposta (uma só opção).

Sim  Não

17.1. Se respondeste NÃO, passa à pergunta 24.

17.2. Se respondeste SIM, quantas vezes fizeste mal a um(a) aluno (a)? Coloca um X na resposta (uma só opção.)

1 vez  2 vezes  3 ou + vezes

18. Estavas sozinho ou acompanhado? Coloca um X na resposta (uma opção).

Sozinho  Acompanhado  Umas vezes só, outras acompanhado

19. De que forma fizeste mal a um(a) aluno(a)? Coloca um X na(s) resposta(s) (várias opções).

	1 vez	2 vezes	3 ou + vezes
Agredi fisicamente			
Roubei objectos pessoais			
Meti medo			
Chamei nomes			
Espalhei boatos			
Ignorei um colega			

20. Com que frequência fizeste mal a um(a) aluno(a)? Coloca um X na(s) resposta(s) (*várias opções*).

	1 vez	2 vezes	3 ou + vezes
Agredi fisicamente			
Roubei objectos pessoais			
Meti medo			
Chamei nomes			
Espalhei boatos			
Ignorei um colega			

21. Em que local fizeste mal a um(a) aluno(a)? Coloca um X na resposta escolhida (*uma só opção*).

Nos corredores da escola	<input type="checkbox"/>	Quais? _____
Na casa de banho	<input type="checkbox"/>	
No recreio	<input type="checkbox"/>	
Na sala	<input type="checkbox"/>	
Na cantina	<input type="checkbox"/>	
Outros	<input type="checkbox"/>	

22. A quem fizeste mal? Coloca um X na resposta escolhida (*uma só opção*).

Um rapaz	<input type="checkbox"/>	Quem? _____
Uma rapariga	<input type="checkbox"/>	
Vários rapazes	<input type="checkbox"/>	
Várias raparigas	<input type="checkbox"/>	
Ambos	<input type="checkbox"/>	
Outro	<input type="checkbox"/>	

23. De que turma são os alunos a quem fizeste mal? Coloca um X nas respostas (*várias opções*).

Da minha turma	<input type="checkbox"/>	Qual? _____
Do meu ano mas de outras turmas	<input type="checkbox"/>	
São mais velhos	<input type="checkbox"/>	
São mais novos	<input type="checkbox"/>	
São de fora da escola	<input type="checkbox"/>	
Outro	<input type="checkbox"/>	

24. Sentes-te seguro na escola?

---



---

25. Propõe soluções para diminuirmos a violência entre alunos, na escola.

---



---



---

Obrigado pela tua colaboração!